Jackson Ronie Sá-Silva
(Organizador)



NARRATIVAS SOBRE PESQUISA QUALITATIVA NO CAMPO DA EDUCAÇÃO

OKOS EDITORA

A narrativa sobre Ciência, pesquisa e método foi produzida, historicamente, a partir do discurso matemático universal. Desde o século XVI a filosofia hipotético-dedutiva-cartesiana povoa nossos imaginários e nossas práticas de investigação. A tese da quantidade conduz os procedimentos científicos e fixa a estatística como sinônimo de validade do dado pesquisado. E o dado científico instituído como qualitativo? A partir do século XX, deslocamentos significativos aconteceram no campo da Epistemologia da Ciência. Narrativas sobre os conceitos de compreensão, subjetividade e intencionalidade impactaram sobremaneira o discurso científico. Uma virada epistêmica ocorreu proporcionando alento para as ciências humanas e sociais. O dado científico produzido passou a ser narrado a partir de perspectivas teórico-metodológicas flexíveis, indutivas e questionadoras da matematização como discurso padrão.

O livro ***Narrativas sobre pesquisa qualitativa no campo da Educação*** é uma obra potente, construída por diferentes narrativas de mestrandas e mestrandos em Educação sobre suas vivências de transformação pessoal, acadêmica e profissional, atravessadas pelas análises da realidade social, a partir do movimento de seus objetos de pesquisa, em superação aos estados iniciais do encontro com a abordagem qualitativa de investigação. Nesse sentido, os autores narram seus relatos de experiências pessoais com a pesquisa qualitativa, por meio de suas motivações, inquietações, descobertas, desajustes, ajustes, desconstrução, reconstrução, evidenciando a pesquisa enquanto processo instigante de ressignificação, permeada por intencionalidades, pelas possibilidades de diferentes escolhas, com o compromisso com o surgimento do novo, que implica sempre uma transformação, seja do pesquisador, da pesquisadora, seja da realidade investigada.

Narrativas sobre pesquisa qualitativa no campo da Educação

Jackson Ronie Sá-Silva
Organizador

Narrativas sobre pesquisa qualitativa no campo da Educação

E-book

São Leopoldo
2025

© Dos autores – 2025

Editoração: Oikos

Capa: Yuri Jorge Almeida da Silva

Revisão: Rui Bender

Diagramação e arte-final: Jair de Oliveira Carlos

Conselho Editorial:

Avelino da Rosa Oliveira (UFPEL)
Danilo Streck (Universidade de Caxias do Sul)
Elcio Cecchetti (UNOCHAPECÓ e GPEAD/FURB)
Eunice S. Nodari (UFSC)
Haroldo Reimer (UEG)
Ivoni R. Reimer (PUC Goiás)
João Biehl (Princeton University)
Luiz Inácio Gaiger (Bolsista de Produtividade CNPq)
Marluza Marques Harres (Unisinos)
Martin N. Dreher (IHSL)
Oneide Bobsin (Faculdades EST)
Raúl Fornet-Betancourt (Intern. Schule für Interkult. Philosophie Aachen/Alemanha)
Rosileny A. dos Santos Schwantes (Centro Universitário São Camilo)
Vitor Izecksohn (UFRJ)

Editora Oikos Ltda.
Rua Paraná, 240 – B. Scharlau
93120-020 São Leopoldo/RS
Tel.: (51) 3568.2848
contato@oikoseditora.com.br
www.oikoseditora.com.br

N234 Narrativas sobre pesquisa qualitativa no campo da Educação. [E-book]. / Organizador: Jackson Ronie Sá-Silva. – São Leopoldo, RS: Oikos, 2025.
144 p.; 14 x 21 cm.
ISBN 978-65-5974-284-4
1. Pesquisa qualitativa – Educação. 2. Pesquisa. 3. Educação. I. Sá-Silva, Jackson Ronie.

CDU 37:001.891

Catalogação na Publicação: Bibliotecária Eliete Mari Doncato Brasil – CRB 10/1184

Agradecimentos

Agradecemos ao Governo do Estado do Maranhão, à Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Inovação (SECTI-MA), à Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Estadual do Maranhão (PPG-UEMA), ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE-UEMA) e ao Grupo de Pesquisa Ensino de Ciências, Saúde e Sexualidade (GP–ENCEX/UEMA/CNPq). As referidas instituições e entidades públicas são espaços democráticos de produção de conhecimento e primam pela ética e cidadania científicas no estado do Maranhão.

O Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Maranhão (PPGE-UEMA) tem formado pesquisadoras e pesquisadores para atuar na Educação Básica a partir de uma dimensão técnico-científica que valoriza o fazer didático-pedagógico nas dimensões político-social, educacional e escolar. Um diferencial que precisamos valorizar e incentivar. Agradecemos ao PPGE-UEMA por entregar mestras e mestres em Educação comprometidos com a educação pública e laica.

Às mestrandas e aos mestrandos da quinta turma do Mestrado em Educação da Universidade Estadual do Maranhão por se desafiar a escrever textos qualitativos narrativos, de lógica compreensiva e que imprime uma complexa e instigante relação sujeito-objeto. Elas e eles expuseram seus "*eus*" e suas falas localizadas em intencionalidades e subjetividades do pensar pesquisa educacional ao sabor da *episteme* das ciências humanas que reconhecem a potência das construções acadêmicas indutivas microanalíticas.

Sumário

Apresentação 9
Prof. Dr. Jackson Ronie Sá-Silva

Prefácio 11
Profa. Dra. Georgyanna Andréa Silva Morais

Existe rigor teórico-metodológico nas pesquisas qualitativas? 13
Jackson Ronie Sá-Silva

Pesquisa qualitativa na Educação: à guisa de uma construção com responsabilidade social 24
Ana Lúcia Cunha Duarte

O caminho se faz ao caminhar 30
Bruna Carolina Albuquerque Silva

Por que pesquisar sob o enfoque qualitativo no campo da Educação? 36
Adriana Loiola do Nascimento

Pesquisa qualitativa: garimpando o imensurável fenômeno 41
Débora Rodrigues de Azevedo

O que a pesquisa qualitativa tem a nos revelar? 45
Carolina Augusta Almeida Lima

Abordagem da pesquisa qualitativa como processo de construção .. 50
Andressa Jorgeana da Silva Ferreira

Minha (trans)formação após encontrar-me com a pesquisa qualitativa 55
Daiane Oliveira da Silva

Pesquisa qualitativa em Educação: uma relação construída a partir de aulas, leituras e reflexões 60
Joseane Cristina dos Santos Sousa

A descoberta do *eu pesquisadora qualitativa* 66
Daniele Letícia Mendes Ferreira

Pesquisa qualitativa em Educação 71
Leidyane Balieiro Guimarães Cunha

(Re)significando olhares e saberes 75
Melissia Abreu Lima de Sousa

Pesquisa qualitativa em Educação: uma jornada reflexiva e transformadora 80
Evyla da Silva Costa

Espantos, indagações e alegrias no encontro com a pesquisa qualitativa 86
Marcioneide Gomes Costa Maciel

Pesquisa qualitativa, uma experiência: descobertas, desajustes e ajustes 91
Mailson Ferreira Rodrigues

Pesquisa qualitativa: (des)construindo, (trans)formando, (eu)pesquisando 97
Luciana Mesquita Nunes Santos Nascimento

Para além da superfície: uma abordagem da essência 103
Kamilla Magalhães Canuto

Experiências em pesquisa qualitativa no campo da Educação 108
Dilamar Viana da Silva

Minha formação acadêmica e as nuances da pesquisa qualitativa .. 113
Eliane Ribeiro Pinto Silva

A pesquisa qualitativa e suas múltiplas nuances: um relato de experiência na disciplina *Pesquisa em Educação* 120
Richardson Santos Maramaldo

A pesquisa qualitativa na formação continuada de professores: percursos metodológicos rumo à construção de saberes docentes ... 126
Marciane Martins Costa

Minha experiência com a pesquisa qualitativa 132
Patrícia Andréa Gomes Barbosa

As autoras e os autores 137

Apresentação

A narrativa sobre Ciência, pesquisa e método foi produzida, historicamente, a partir do discurso matemático universal. Desde o século XVI, a filosofia hipotético-dedutiva-cartesiana povoa nossos imaginários e nossas práticas de investigação. A tese da quantidade conduz os procedimentos científicos e fixa a estatística como sinônimo de validade do dado pesquisado.

E o dado científico instituído como qualitativo? A partir do século XX, deslocamentos significativos aconteceram no campo da Epistemologia da Ciência. Narrativas sobre os conceitos de compreensão, subjetividade e intencionalidade impactaram sobremaneira o discurso científico. Uma virada epistêmica ocorreu proporcionando alento para as ciências humanas e sociais. O dado científico produzido passou a ser narrado a partir de perspectivas teórico-metodológicas flexíveis, indutivas e questionadoras da matematização como discurso-padrão.

A narrativa da pesquisa qualitativa ganhou espaço. No entanto, continua muitas vezes sendo questionada e colocada em suspensão. De quando em vez nos surpreendemos com discursos que tentam desacreditá-la, desprestigiá-la e desautorizá-la. O embate tem como discurso a narrativa totalizante da lógica quantitativa hipotético-dedutiva.

A maioria dos estudantes da pós-graduação em ciências humanas, tanto *lato* como *stricto sensu*, ao iniciar suas pesquisas ainda expressam a desconfiança cartesiana sobre os métodos de análise qualitativos. Inicialmente não se conseguem desconectar dos conceitos universais da lógica quantitativa de investigar o mundo. Mas, no decorrer da formação, seja em nível de mestrado ou de doutorado, vão desconstruindo o monumento quantitativo de pensar os objetos e construindo discursos engajados com a lógica qualitativa de apreensão dos problemas de pesquisa socioculturais.

É nesse contexto que surge o livro *Narrativas sobre pesquisa qualitativa no campo da Educação*, apresentando as vivências, os olhares e as percepções de mestrandas e mestrandos do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Maranhão sobre a pesquisa qualitativa. No ano de 2023, ao cursarem o componente curricular *Pesquisa em Educação*, elas e eles foram instigados a narrar suas compreensões acerca do fazer pesquisa qualitativa no campo da Educação, corporificando o que vos apresento com muito orgulho, demonstrando que a perspectiva qualitativa transcende áreas, rompe barreiras e se impõe com maestria teórico-metodológica.

Prof. Dr. Jackson Ronie Sá-Silva
Organizador

Prefácio

O convite do professor doutor Jackson Ronie Sá-Silva para prefaciar o livro *Narrativas sobre pesquisa qualitativa no campo da Educação* foi aceito de imediato com bastante alegria, visto que participei do processo formativo dos autores da obra como professora da disciplina *Políticas de Currículo na Educação Básica*, juntamente com o professor doutor Raimundo Nonato Moura Oliveira, no Mestrado Profissional em Educação da Universidade Estadual do Maranhão. Embora não sendo a pesquisa o objeto da disciplina, os conhecimentos ali produzidos e sistematizados também constituíram fundamentos teóricos para o campo de investigação dos seus diferentes objetos de pesquisa.

O livro é uma obra potente, construída por diferentes narrativas dos mestrandos sobre suas vivências de transformação pessoal, acadêmica e profissional, atravessadas pelas análises da realidade social a partir do movimento de seus objetos de pesquisa, em superação aos estados iniciais do encontro com a abordagem qualitativa de investigação. Nesse sentido, os autores narram seus relatos de experiências pessoais com a pesquisa qualitativa por meio de suas motivações, inquietações, descobertas, desajustes, ajustes, desconstrução, reconstrução, evidenciando a pesquisa enquanto processo instigante de ressignificação, permeada por intencionalidades, pelas possibi-

lidades de diferentes escolhas, com o compromisso do surgimento do novo, que implica sempre uma transformação, seja do pesquisador, seja da realidade investigada.

As narrativas aqui apresentadas revelam ainda os diferentes modos de construção da relação dos autores com a pesquisa qualitativa, alicerçados pela teoria como lente necessária para guiar o caminho da investigação para o entendimento do que é pesquisar e da compreensão de que pesquisador e sujeitos da pesquisa são agentes do processo investigativo. Por fim, revelam ainda as alegrias, as indagações, mas também os espantos inerentes ao fazer do pesquisador como ação necessária em superação à naturalização das problemáticas sociais no campo da educação, visto que a naturalização da realidade nos paralisa, aniquila a nossa capacidade de indagar e, portanto, de pesquisar.

Assim, deixo minha contribuição, convidando-os a um mergulho nessa leitura tão instigante, constituída por narrativas de experiências que abordam **o aprender a pesquisar qualitativamente**, e que a obra possa contribuir para a produção de novas inquietações e buscas de compreensão e transformação da realidade social. Boa leitura!

Profa. Dra. Georgyanna Andréa Silva Morais
Universidade Estadual do Maranhão

Existe rigor teórico-metodológico nas pesquisas qualitativas?

Jackson Ronie Sá-Silva

A reflexão teórico-metodológica que desenvolvo neste texto visa apresentar argumentações sobre o fazer pesquisa qualitativa e o exercício do rigor em sua execução. Sabemos que pesquisar, sobretudo na perspectiva qualitativa, é uma ação complexa que solicita atenção teórica em todas as fases do planejamento investigativo, desde a delimitação do objeto, a construção das perguntas, as hipóteses pensadas, mas principalmente na definição da sistemática metodológica de olhá-la num processo profundo e compreensivo que requer atentar para a linha de pensamento que dá sentido ao objeto pesquisado. Quem pesquisa qualitativamente deve olhar cuidadosamente para as escolhas epistêmicas quando decide pela teorização analítica do objeto. Precisa ainda construir um agir flexível para as possíveis adaptações que a investigação da realidade revela no campo empírico, tendo como guia o recorte metodológico assumido.

A incursão no labor compreensivo requerido no universo das pesquisas qualitativas suscita o exercício da criatividade do/a pesquisador/a em diferentes frentes, como, por exemplo, reinterpretar

teorias e linhas de pensamento, modificar metodologias, incrementar técnicas de apreensão de informações, escrever de forma dialógica, didática e inteligível para que usuárias e usuários do produto final consigam entender e utilizar o dado revelado pela investigação. O que tudo isso pressupõe? Rigor! E esse como uma condição *sine qua non* em/na pesquisa.

Quando explicito e ressalto o rigor em/na pesquisa, estou chamando atenção para a dimensão ética. Rigor científico constitui a ética científica. São conceitos interligados. São atitudes entremeadas e indissociáveis. Rigor e ética em/na pesquisa produzem ciência democrática e cidadã, cuja centralidade é proporcionar que os resultados alcançados sejam utilizados para o bem comum. Pesquisadoras e pesquisadores, ao adentrar na laboriosa arte de pesquisar os objetos que compõem a existência humana e não humana, devem ser lembrados de produzir ciência com rigor e ética, tanto em suas perspectivas qualitativa como quantitativa. Cada uma com sua lógica, filosofia e método.

O rigor pensado para as pesquisas quantitativas tem uma história de pelo menos quinhentos anos, quando, no século XVI, a arquitetura do método científico passou sistematicamente a ser pensada pela lógica hipotético-dedutiva, amparada pela Matemática e pela Física. As teses e os modelos explicativos para a compreensão do mundo natural ganharam força, notoriedade e prestígio global porque o pensamento empírico e a casuística da experimentação geraram o discurso universal do método científico. Para provar o dado pesquisado temos que experimentar. Experimentar e calcular. Calcular e mostrar a exatidão. O exato a ser repicado e tornado modelo. A modelagem universal matematizada e experimentada conduz à normalização, à normatização e à padronização.

Eis uma síntese do que penso sobre o monumento da filosofia da pesquisa quantitativa: pensamento matematizado que produz um discurso de explicação hipotético-dedutiva das realidades empíricas que podem ser medidas, testadas, quantificadas e reproduzidas. O dado pressupõe controle extremo. O objeto deve ser submetido exaustivamente à numerificação e ao condicionamento estatístico da validade. A imparcialidade é imperativa, sendo o fiel da balança que qualifica o sentido de ser científico. O sucesso é a padronização. A certeza científica expressa-se pelo discurso universal estruturante que potencializa a tese da totalidade. O quantitativo-totalizante assume o compromisso científico dedutivo de reproduzir em outros contextos o mesmo resultado. O dado universaliza-se e serve de modelo para a reprodução do achado científico. A reprodutibilidade é a certeza de que deu certo, tendo como guia epistêmico as condições estabelecidas pelo escrutínio estatístico.

O rigor da ciência quantitativa prima pelo que denomino de *prática do provar*. A *prática do provar* ou o *princípio da falseabilidade (ou refutabilidade)*, conceito pensado pelo filósofo e epistemólogo Karl Popper, é uma das principais formas do rigor quantitativo de conceber e considerar um conhecimento como científico. Aplicar o princípio de falseabilidade é submeter um objeto a testes, tentando de todas as formas descredibilizá-lo. O objetivo é derrubar a teoria que o fundamenta. Falsear o dado para lhe tirar a veracidade. Escrutinizar as estruturas empíricas e teóricas que o sustentam, fragilizar os argumentos que o fazem ser verdadeiro e apontar possíveis falhas conceituais que o tornam inteligível.

Quanto mais tentamos falsear os conceitos, as leis e as teorias científicas que sustentam a argumentação da existência do objeto no processo de conhecê-lo, estudá-lo, analisá-lo e tentar de todas as

formas dizer o que é e o que não é, mais estamos fortalecendo a lógica do conhecimento pretendido como universal, dedutivo e totalizante.

Agir no procedimento metodológico de falseamento do objeto ou da teoria que o sustenta – estratégia popperiana – para provar a verdade constitui-se como o fazer supremo da arquitetura do rigor quantitativista. O fracasso da tentativa de falseamento do objeto de pesquisa: o sucesso metodológico do dado pesquisado e explicado pelo processo matematizador e estatístico proposto pelo cientista e, por fim, o escrutínio teórico-metodológico hipotético-dedutivo validado, ou seja, metodologia executada e chancelada, constituem o resultado do que se acredita ser a verdade científica quantitativa. O rigor metodológico quantitativo passa pela prova do falseamento do dado. A matemática e seus métodos ancora, estrutura, sedimenta e cristaliza a verdade do dado autorizando a prática estatística do rigor.

A explicitação que fiz em formato de síntese crítica acerca do rigor em pesquisa quantitativa objetiva situar o leitor sobre as intencionalidades filosófica e epistêmica dessa operacionalização científica para explicar os objetos no mundo. Não discordo da metódica quantitativa. Ela é válida, coerente e importante para a Ciência.

Reconheço e valorizo a hermenêutica hipotético-dedutiva do fazer pesquisa quantitativa. No entanto, também reconheço os limites do discurso do rigor quantitativo e aproveito este momento para problematizar as teses que insistem em defender que a mesma perspectiva serve para o fazer investigativo qualitativo. Discordo, tenciono, questiono e faço pensar a partir de um olhar desconstrucionista. Vamos pensar sobre o rigor em pesquisa qualitativa?

O conceito de *prática do provar* é atualíssimo e deve ser instigado entre pesquisadoras e pesquisadores que escolhem o método

quantitativo para desvelar os objetos da existência humana e não humana. Minha questão não é contrapor qualitativo e quantitativo nem tornar os referidos campos rivais. Intento, na medida do possível, e se for possível, alertar para os cuidados epistêmicos que precisamos exercitar ao pensar (e praticar) as lógicas de rigor das abordagens quantitativas e qualitativas.

O cuidado científico-epistemológico-pedagógico em pensar sobre o rigor na pesquisa qualitativa faz parte da atitude ética do exercício de ser pesquisadora, pesquisador. Tentei demonstrar como se produz (e se consome) o discurso do rigor metodológico quantitativo. Agora vamos pensar sobre o rigor científico da perspectiva qualitativa de pesquisa?

Percebo que algumas questões são pertinentes: como entendo a filosofia da pesquisa qualitativa?; consigo analisar criticamente as operações universalizantes e de padronização do método quantitativo?; permito-me fazer um exercício de pensamento indutivo e problematizar a lógica dedutiva?; em algum momento de minha formação científica parei para ler e analisar os fundamentos epistêmicos da sociologia compreensiva, da antropologia cultural, da psicologia social, da linguística e de outras escolas epistêmicas que veem os objetos de pesquisa pelo viés sociocultural e não universalizante?; percebo a diferença entre metodologia, método e técnica, tendo como lentes teóricas os pressupostos das ciências humanas e sociais?; consigo reconhecer que sou sujeito-objeto na produção de dados qualitativos? Essas são algumas questões que considero centrais para problematizar o conceito de rigor na pesquisa qualitativa.

Faz parte do rigor em pesquisa qualitativa compreender e praticar sua filosofia. A prática filosófica da pesquisa qualitativa instiga a pensar sobre o que é universal e se essa tentativa de universalidade

consegue abarcar, estudar e apreender todas as questões que a pesquisadora, o pesquisador, deseja conhecer do objeto.

O pensamento universalizante, como sinalizei anteriormente, é um projeto arquitetado pelo cartesianismo, pelas operações matematizantes dos dados, bem como pelo império da investida estatística ao objeto de estudo. Assim, universalizar pensamentos e utilizá-los para explicar a realidade tem sido a tônica da ciência estrutural fixada no discurso quantitativo. Entendo que a ética da pesquisa qualitativa ajuda-nos a fazer uma descompressão e um desbloqueio desse fundamento que se pretende globalizante. Agir com ética em pesquisa qualitativa é anunciar as impossibilidades de padronização do objeto, assim como discursar sua provisoriedade, sua complexidade e sua mutabilidade. Aqui estou me dirigindo especificamente aos objetos de pesquisa construídos pelas ciências humanas e sociais, os quais estão envoltos por contradições, intencionalidades e subjetividades.

O que a filosofia da pesquisa qualitativa faz é questionar esse projeto cartesiano ao apontar fissuras, erosões e fragilidades do empreendimento homogeneizador da cultura científica matematizadora. A lógica ética epistêmica qualitativa alerta para a impossibilidade de padronização e divulga a tese de que os objetos que se anunciam como sociais, políticos, culturais, psicológicos, linguísticos e educacionais nem sempre são numerificados e tornados modelo. O discurso filosófico da pesquisa qualitativa permite que a pesquisadora, o pesquisador, produza métodos de apreensão e análise de dados visando ao reconhecimento da realidade complexa e que essa realidade é um amálgama de suas intenções, decisões e escolhas. A ação ética está justamente no entendimento dos limites do que sua pesquisa produz, ou seja, a pesquisa projetada, desenvolvida e finaliza-

da não se constitui como um resultado totalizante, fixo e imutável. Os resultados obtidos são parte dessa complexidade chamada ciência e que podem, a partir de outras interpretações e análises, produzir novas inferências e seguir para o complexo projeto dedutivo (a meu ver, o desejo da ciência quantitativa).

Entendo que a filosofia da pesquisa qualitativa discursa a não pretensão de generalização do dado. O que ela faz é informar que os construtos humanos são singulares, particulares, complexos, subjetivos, cambiantes e que podem ser modificados por questões de cunhos linguístico, cultural, social, político, econômico, psicológico e educacional.

Outra ação que faz parte do rigor em abordagens qualitativas de pesquisa é a prática de pensar as relações entre indutivo e dedutivo. A pesquisa qualitativa prima pela lógica indutiva, porque prioriza os discursos investigativos que partem do objeto particular, menor, micro. A microfísica do objeto é o interesse maior da lógica qualitativa de pesquisa. No entanto, não nega as operações dedutivas e entende que os resultados indutivamente investigados podem compor e reforçar uma tentativa sempre complexa de generalização, ou seja, o pensar ético qualitativo entende que o indutivo se amplia e pode caracterizar-se como dedutivo e reconhece que esse processo complexo de retroalimentação também é um campo de disputa científica.

Defendo que faz parte do rigor da pesquisa qualitativa reconhecer que os dados qualitativos são produzidos num processo complexo em que indução e dedução estão presentes e que existem contradições imbricadas. Ainda, a rigorosidade passa também pela compreensão e valorização da dimensão de complementariedade entre indutivo e dedutivo, reforçando a comunhão qualitativo-quantita-

tivo. Divulgar esse aspecto apresenta-se como atitude rigorosa no labor investigativo qualitativo.

A rigorosidade da ação em pesquisa qualitativa também passa pelo entendimento do que seja um objeto sociológico, cultural, político, psicológico, linguístico e educacional dentre tantos outros aspectos do universo das ciências humanas e sociais. A aproximação que a pesquisadora e o pesquisador fazem com as teorias que lidam com o desvelamento dos objetos socioculturais ao tentar compreendê-las e usá-las em suas análises constitui-se como atitude de ética no fazer pesquisa qualitativa. O que entendemos por "objeto compreensivo"? Quais as lógicas teóricas da "compreensão"? Entendo o que significa o conceito anunciado como "subjetivo"? Quais os fundamentos teóricos e metodológicos do campo da Sociologia Compreensiva? Tive o cuidado de ler autoras e autores (clássicos e contemporâneos) que pensaram/pensam os objetos de estudo atravessados pelas epistemes da Filosofia, da Sociologia, da Antropologia, da Psicologia, da Política, da Economia, da Educação, citando algumas áreas-mãe das Ciências Humanas? Já me preocupei em conhecer os fundamentos da Antropologia Social? Tive o cuidado de incursionar pelo campo da Antropologia Cultural?

Sigo fazendo outras perguntas, objetivando pensarmos sobre o rigor teórico-metodológico do agir com ética em pesquisas qualitativas: reconheço o campo da Educação como um lugar que permite usar os fundamentos das ciências humanas no desvelamento e compreensão do objeto de pesquisa?; consigo estabelecer relações entre as teorias socioculturais, psicológicas, econômicas e políticas com os objetos educacionais e/ou pedagógicos?; percebo a importância de operar/usar/consumir/entender determinadas linhas de pensamento advindas das teorias das ciências humanas e sociais, in-

tencionando produzir argumentos na tentativa sempre complexa de desvelar o objeto de pesquisa?; disponho-me a investigar, caracterizar, (re)formular, (re)criar, descrever, analisar e produzir teses sobre o objeto de pesquisa a partir de uma linha teórica de pensamento (ou linhas teóricas) que seja coerente com meus objetivos de pesquisa e metodologia planejada?

Eis outro aspecto que considero fundamental para pensarmos o rigor e a ética em pesquisa qualitativa: o posicionamento teórico no desvelamento do objeto. Faz parte do rigor qualitativo posicionar-se teoricamente. A ética da pesquisa qualitativa solicita o situar-se epistemicamente na complexa seara das teorias em ciências humanas e sociais. Pede ainda que seja feita uma defesa do objeto a partir de uma compreensão de mundo traduzida pela teoria intencionalmente indicada, utilizada e defendida.

Por fim, elenco mais uma característica que considero relevante na problematização do rigor em pesquisa qualitativa: assumir-se como sujeito-objeto no processo investigativo. Ao assumirmos a não neutralidade, estamos sendo éticos e informando nossas práticas intencionais quando nos propormos a apreender objetos socioculturais complexos, com os quais temos curiosidade, questionamentos, afeição e afinidades, por assim dizer. O rigor estabelece-se porque, por exemplo, ao produzirmos um projeto de pesquisa que se pretende compreensivo, interpretativo, descritivo e indutivo, estamos deixando evidente nosso compromisso pessoal em desvelá-lo, mas também em estranhá-lo porque foi criado, pensado, escrito e teorizado pelo sujeito da pesquisa.

Estranhar o objeto de pesquisa pressupõe estranhar-se. Desconfiar é uma atitude científica. Desconfiar alimenta questões, problematizações e inquirições das mais variadas. O exercício da per-

gunta sobre o objeto qualitativo direciona a interrogação para si também. Desconfio dos objetivos da investigação que proponho? São coerentes, plausíveis e inteligíveis? A justificativa produzida para dar importância ao objeto tem consistência? Em quais fontes me baseei para argumentar a credibilidade científica do objeto? Coloco em cheque a metodologia que escolhi? As ações metodológicas conseguirão apreender o objeto, entendendo que ele é complexo, escorregadio e que pode escapar do arcabouço técnico-instrumental e teórico que idealizei? Olho com cuidado epistêmico para a teoria ou linha de pensamento que escolhi para analisar os dados? A análise anunciada incorpora minha posição de sujeito-objeto? Vigio o objeto? Vigio o que digo que faço com o objeto?

A vigilância epistemológica é uma atitude investigativa ética. Vigiar o objeto e vigiar-se é postura esperada e ação rigorosa no labor em pesquisa qualitativa. O que tenho entendido acerca do conceito de vigilância epistemológica? Primeiro, não é um conceito novo, e tenho pensado em suas implicações éticas a partir de Pierre Bourdieu. Segundo, o sociólogo francês alertava, em suas incursões investigativas de perspectivas micro e macrossociológicas, para os cuidados que devemos ter ao anunciar e executar pesquisas de cunho social, antropológico, psicológico e educacional: Vigiar! Cuidar! Ter atenção! Desconfiar das metanarrativas (discursos universalizantes; proposições dedutivas; práticas padronizantes; teses normalizadoras).

Bourdieu instiga-nos com sua visão epistêmica sobre o agir vigilante em pesquisa: o pesquisador de atitude qualitativa precisa atentar para suas práticas investigativas compreensivas e caracterizar teoricamente o que propõe como lente para desvelar o objeto. A pesquisadora qualitativa deve descrever e caracterizar os passos da

pesquisa, pontuando possíveis dificuldades no trato com o objeto, anunciar impossibilidades operacionais quando percebe os limites do desenho metodológico, avaliar as práticas analíticas de generalização do objeto e, principalmente, reconhecer o universo contraditório e multifacetado da complexa rede sociocultural e psicológica que o objeto qualitativo impõe. A complexidade do objeto social requer reconhecimento por parte do sujeito da pesquisa de sua participação íntima como construtor do que pesquisa.

Apresentei alguns posicionamentos sobre o que penso do labor rigoroso em pesquisa qualitativa. Anunciei características que considero importantes na prática complexa e contraditória do sujeito pesquisador. Acredito que (des)mobilizei, instiguei, produzi (des)conforto e de alguma forma fiz pensar. Pensar é atitude ética. Pensar é atitude rigorosa. A pesquisa qualitativa vive e convive com o pensamento plural e não almeja padronizá-lo. E assim seguimos no labor e no sabor da aventura inventiva do ato de pesquisar as condições humanas...

Pesquisa qualitativa na Educação: à guisa de uma construção com responsabilidade social

Ana Lúcia Cunha Duarte

Paulo Freire ensinou a Pedro
um princípio fundamental da
epistemologia: a cabeça pensa
onde os pés pisam.
(Frei Betto)

Iniciar esta construção sobre pesquisa qualitativa em educação parece ser muito simples à primeira vista. Contudo, essa simplicidade não é como se imagina. Essa forma de pensar remete-me ao início de minha formação acadêmica. Por isso, trarei um pequeno recorte de momentos marcantes de meus primeiros passos na tentativa de ser uma pesquisadora.

No início de minha formação, quando tive a oportunidade de participar de projetos de pesquisa, de reuniões de estudos, de organização e análise de dados, elaboração de resumos e artigos para apresentação em eventos, houve um pouco de estranhamento e insegurança quanto à prática da pesquisa, pois acabara de ingressar na

graduação, no curso de Pedagogia Licenciatura, na Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Foi um tempo de muitas aprendizagens. Entretanto, havia impregnado em mim a vontade de crescimento pessoal, de estudar, aprender e aprender para exercer minha profissão com dignidade, qualidade e compromisso social com o que fiz e continuo fazendo.

Hodiernamente, a forte transição econômica, política e social e também o projeto neoliberal de privatização da educação, o incremento do financiamento público privado têm asfixiado principalmente as universidades públicas e consequentemente as pesquisas em todas as áreas, especialmente a de Humanas. Esse clima de grandes turbulências que o país tem vivido nos últimos anos exige de nós professores(as) comprometimento com a melhoria da qualidade da educação; competência na consolidação do conhecimento científico transmitido ao longo dos tempos; desenvolvimento de novos conhecimentos na área da comunidade científica de nossa atuação profissional e compromisso político e social com o que fazemos com os dados e análises de nossas pesquisas.

Os acontecimentos recentes impõem-nos uma exigência vital para integrar o movimento de mobilização nacional que fundamenta o novo ideário político da educação nacional. Nós professores(as) lutamos principalmente pela valorização da carreira do magistério, buscando condições que nos permitam exercer a profissão com dignidade e reconhecimento profissional, como a questão imediata de reposição das perdas salariais.

Considerando o percurso em minha trajetória de formação e também formadora profissional, a complexidade do cotidiano escolar continuamente me instigou a buscar novos conhecimentos. Além disso, no curso de Pedagogia, na formação de professores, na gestão dos sistemas de ensino e nas políticas educacionais sempre desenvol-

vi a docência, as atividades de extensão, as pesquisas e as produções e publicações na perspectiva da abordagem de pesquisa qualitativa por entender que há uma aproximação maior com a realidade pesquisada. Foi a partir das discussões, das leituras que pude me engajar em projetos de pesquisa e na gestão universitária, oportunidade que, como professora, tive para aprofundar os conhecimentos e a problemática da educação, especialmente da educação básica. Aprendi muito participando de vários momentos importantes na caminhada construtiva da educação maranhense.

Como integrante de várias associações e participante de encontros sobre a política educacional brasileira, sempre estive motivada a envolver-me em movimentos pela garantia do direito essencial à educação e à consequente melhoria da qualidade de vida da população mais pobre. Tudo isso possibilitou uma reflexão muito mais sobre o papel do educador e sua formação na concretização de um país com mais justiça social e democrático. Na trajetória como professora universitária, em todos os projetos de pesquisa e de extensão que desenvolvi, com envolvimento de estudantes dos cursos de formação de professores, a justificativa para a pesquisa advém de uma posição crítica e engajamento na defesa de uma educação de qualidade para todos, a partir de uma análise na perspectiva da abordagem qualitativa.

Como pressupostos para os projetos de pesquisa e extensão e da continuidade na busca constante ao reconhecimento da educação, ressalta-se a importância da interação com outros setores e instituições por intermédio de convênios, cooperações e coordenação de grupo de pesquisa, com o apoio institucional por meio dos programas de bolsas para os estudantes de graduação e pós-graduação *stricto sensu,* bem como pelos demais docentes e funcionários do curso de Pedagogia e do Mestrado em Educação, que oportuniza-

ram a vivência do pesquisar e o enfrentamento dos desafios, quer no âmbito acadêmico ou na gestão universitária.

Sobre o fazer pesquisa como ponto de partida inicial, quanto mais explicitada a metodologia for, maior a segurança do pesquisador nas análises a serem feitas. Cabe destacar que, em vários momentos, o pesquisador(a) deve ter atenção, cuidado e zelo com a obtenção dos dados no sentido de ser uma coleta imparcial, atendendo os preceitos da investigação científica, aliada à metodologia e à literatura que sustentam o estudo. É necessária a compreensão de que pesquisar é um ato que proporciona conhecimento sobre algo de uma dada realidade e que pode até contrariar o entendimento *a priori* e negar explicações que aparentemente são óbvias.

Apresentar a metodologia aplicada no estudo tem como objetivo mostrar o caminho percorrido no processo de construção da investigação. Nesse processo, inicialmente estudam-se os métodos de análise. É importante também definir o campo de investigação, os instrumentos e procedimentos de pesquisa, bem como a escolha do campo de pesquisa e dos sujeitos que irão participar da investigação. A decisão do(a) pesquisador(a) de colocar em destaque a metodologia de seu trabalho deve ser em razão da necessidade de explicitar, no estudo, todo o processo metodológico percorrido. Esclarecemos que essa é uma opção do(a) autor(a), do(a) orientador(a) de apresentar a metodologia separada em seção/capítulo; outros estudos podem ser organizados de forma diferente, sem, no entanto, comprometer a qualidade do trabalho investigativo.

Por outro lado, o processo de investigação cobra do(a) pesquisador(a) referências que sustentem e qualifiquem seu estudo. A escolha da abordagem de pesquisa qualitativa deve ser em razão do tipo de abordagem da pesquisa, que não busca preocupar-se com

representatividade numérica, mas sim com o aprofundamento da compreensão e apreensão de um fato estudado.

A história da abordagem qualitativa é recente. Tem pouco mais de um século, embora o homem sempre tenha buscado compreender o próprio homem. Todavia, os estudos dos fatos humanos surgiram num período em que prevalecia uma forte concepção empirista e determinista da ciência, o que levou os cientistas a buscar leis casuais necessárias e universais também para explicar os fenômenos humanos, consistindo assim em um trabalho por analogia e pouco científico.

Na pesquisa qualitativa é analisada a situação a partir de dados descritos, buscando identificar relações, categorias e outros aspectos considerados necessários à compreensão da realidade estudada e que geralmente envolvem múltiplos aspectos. O(A) pesquisador(a) que utiliza a abordagem qualitativa busca explicar o "porquê" das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantifica os valores e as trocas simbólicas nem as submete à prova de fatos, pois os dados analisados não são métricos e valem-se de diferentes abordagens.

Muitos autores que defendem a pesquisa qualitativa alertam quanto à questão ética de tomar como objeto de investigação grupos sociais com os quais se tem alguma identificação política. Nesse caso, tem-se de estar constantemente alerta, especialmente quando é usada metodologia qualitativa, para que, em vez de cientistas, estes não sejam transformados em militantes de uma causa ou de um movimento.

A pesquisa qualitativa pode ser caracterizada como um estudo detalhado de determinado fato, objeto, grupo de pessoas ou ator social e fenômeno da realidade. O processo investigativo que utiliza a abordagem qualitativa visa buscar informações fidedignas para explicar em profundidade o significado e as características do contexto do objeto de pesquisa. Vale destacar que, na pesquisa qualita-

tiva, os dados estatísticos são utilizados para dar maior precisão aos dados coletados no decorrer da investigação.

A opção pela abordagem qualitativa tem como fundamento a "crença de que existe uma relação dinâmica entre o mundo real, objetivo, concreto e o sujeito; portanto, uma conexão entre a realidade cósmica e o homem, entre a objetividade e a subjetividade" (Oliveira, 2008, p. 60). Nessa direção, entende-se que a abordagem qualitativa apresenta melhor possibilidade de interpretar a realidade dentro de uma visão complexa, holística e sistêmica, como defendem os(as) autores(as) que adotam esse tipo de pesquisa.

No decorrer do tempo, a pesquisa qualitativa ganhou diferentes definições entre os pesquisadores, deixando de ser apenas a "pesquisa não quantitativa", tendo desenvolvido sua identidade própria. A pesquisa com abordagem qualitativa exige interação e aproximação do(a) pesquisador(a) com seu objeto de estudo, possibilitando-lhe conhecê-lo a partir da perspectiva dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

Ressalta-se que os conhecimentos construídos a partir dos achados da pesquisa carecem de prudências, pois não são absolutos. Isso porque na produção de conhecimentos não há uma certeza absoluta, pois pode haver abordagens diferentes, contradições entre o que é vivido e o que é percebido pelos sujeitos. Desse modo, os achados sobre o objeto de pesquisa podem contrariar percepções já estabelecidas; o importante é a construção de novos conhecimentos que permitam compreender e apreender a realidade em profundidade.

Referência

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

O caminho se faz ao caminhar

Bruna Carolina Albuquerque Silva

O que faz andar a estrada? É o sonho.
Enquanto a gente sonhar a estrada
permanecerá viva. É para isso que
servem os caminhos, para nos
fazerem parentes do futuro.
(Fala de Tuahir em "Terra sonâmbula",
de Mia Couto)

Sou filha de terras pernambucanas, nascida na mata norte do estado, onde o coco de roda, a ciranda e o maracatu rural são tradições vivas. É uma terra de gente determinada, mas também de severas injustiças sociais. Foi um episódio marcante que se tornou minha primeira motivação pela pesquisa qualitativa: a prisão injusta de camponeses que lutavam pelo direito à terra no município de Quipapá, em Pernambuco, Brasil. A existência de cartazes que pediam pela libertação dos "PRESOS POLÍTICOS", alocados nas paredes da escola secundarista em que eu estudava, assim como a indignação que pairava no ar me fizeram questionar as profundas desigualdades que corroem nossa sociedade. Foi um chamado para a ação e para o entendimento dessa realidade.

Na mesma época, tive a oportunidade de viajar para o norte de Minas Gerais em uma atividade organizada por estudantes para conhecer e contribuir com um trabalho voluntário em uma escola popular, localizada dentro de um acampamento de camponeses pobres. Fomos de van, escutando Belchior de fundo, cantando: " Deixem que eu decida a minha vida... Não preciso que me digam... De que lado nasce o sol... Porque bate lá meu coração". Chegando lá, emocionei-me com o relato da vida dura e das lutas das mulheres camponesas. Admirei também o trabalho das pedagogas: como elas conseguiam, juntamente com os estudantes, vincular a escola com a vida! Elas conseguiam tornar vívido um ambiente tão comumente apartado das questões concretas do cotidiano... das lutas, das dores e dos sentimentos daqueles que pertencem à comunidade escolar.

Anos depois, ao adentrar os corredores universitários, aumentou meu desejo por desvendar as raízes dessas injustiças e contribuir para mudanças. Foi nesse período que tive o privilégio de encontrar pessoas que se tornaram exemplos importantes em minha jornada. Pessoas que, como eu, nutriam o desejo por transformação social e viam na pesquisa um meio de não ser apenas o espectador, mas sim um agente em tal empreitada. Ao longo das minhas investigações fui compreendendo como o problema da terra não é apenas um problema de Pernambuco, mas uma problemática em nível nacional, que atinge todos os países pobres e explorados pelas nações mais ricas. E, somada a essa questão, estavam tantas outras incontáveis, gestadas no bojo das lutas sociais em nosso país.

Ainda na graduação, envolvi-me em projetos de pesquisa e extensão, com atuação direta em acampamentos de camponeses pobres no agreste pernambucano, nos quais construímos parceria com uma escola popular. Tivemos a oportunidade de produzir um documen-

tário sobre o corte popular, que é um mecanismo de divisão das terras organizado pelos próprios camponeses, independente do governo e do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). Nessa experiência realizamos inúmeras entrevistas, construímos textos coletivos e organizamos reuniões nas casas das pessoas regadas a café e boas conversas. Essa pesquisa e as ações que foram realizadas ao longo de todo o processo mostraram-me concretamente a força que tem a organização coletiva e a importância de não esperar a resolução dos problemas sociais apenas a partir das políticas governamentais.

Após alguns anos, mudei para o Maranhão. Terra do bumba meu boi, do cacuriá e do tambor de crioula. Terra de gente corajosa e um dos estados com maior conflito pela posse da terra no Brasil. Minha jornada levou-me a trabalhar em escolas públicas, nas quais tive a oportunidade de mergulhar na cultura e nas raízes do povo maranhense. Em particular, uma escola na comunidade do Cururuca chamou minha atenção, pois carregava consigo um legado marcante de influências africanas em sua história. Foi lá que conheci Lídia, uma mulher incrível que lidera a comunidade e que compartilhou valiosas lições sobre as batalhas travadas para estabelecer a escola naquela região.

Em nossos diálogos, refletíamos como nada é conquistado sem esforço, trabalho coletivo e dedicação. Após anos de árduo trabalho por parte da comunidade em busca do direito à educação, a escola, que anteriormente funcionava em um modesto barracão, finalmente conquistou um edifício próprio. Hoje, a escola atende aproximadamente cem crianças da comunidade, servindo como um exemplo vivo do potencial da perseverança e da cooperação.

Com o passar dos dias, comecei a me sentir cada vez mais parte de cada canto, de cada local em que chegava. Ao mesmo tempo,

deparei-me com situações que me incomodavam cotidianamente, como a sistemática atuação do setor privado na rede de ensino. A linha dada por esses organismos privados ignora os problemas sociais das comunidades escolares, criando gaiolas que encarceram a autonomia das escolas e afetam diretamente todos os ensejos das comunidades, que com tanto custo lutam até hoje pela existência e qualidade de suas escolas.

Isso me motivou a voltar para a Universidade. Fiz uma especialização na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e, a partir do trabalho de conclusão de curso, iniciei a construção de um projeto sobre a relação público-privada a fim de concorrer na seleção de Mestrado nessa mesma instituição, o Mestrado Profissional em Educação.

Com muitas madrugadas adentro, acordando às quatro horas da manhã para estudar, com um roteiro sistemático de estudos, finalmente ingressei no Mestrado! Uma sensação de alegria tão grande quanto a incerteza de um gato em cima de uma mesa de vidro. Pensava: esse novo momento acadêmico será uma montanha-russa cerebral ou uma tranquila pedalada no parque? Será que eu vou dar conta? Essa incógnita tornou-se uma espécie de epidemia coletiva, visível nos memes que fazem a alegria de nossos grupos de WhatsApp, que iam surgindo após as aulas e, claro, depois das orientações com os professores. Nesses momentos de interação com os colegas, esses desafios tornavam-se bem mais leves e, até certo ponto, chegavam a ser mais divertidos do que preocupantes.

Logo no primeiro semestre, tive a oportunidade de vivenciar aulas com professores instigantes. Essas aulas permitiram-me viver a universidade novamente. Estar novamente nas bibliotecas, dialogar com meus colegas, refletir como a pesquisa qualitativa não é uma

travessia solitária, mas uma viagem compartilhada. Aprendemos uns com os outros, desafiando nossas próprias suposições e buscando uma compreensão mais profunda das complexidades que moldam nossas vidas. As reflexões coletivas eram desafiadoras, porém muito prazerosas. Elas conduziam ao entendimento de como a pesquisa qualitativa permite chegar a compreensões mais complexas da realidade, borrando as barreiras entre as áreas de conhecimento e não se limitando à análise fria e estática da realidade.

Com uma comunidade de estudos em todo o mundo, a pesquisa qualitativa tem sido o elo entre muitos pesquisadores que buscam questionar os padrões, as opressões e as problemáticas sociais. A pesquisa qualitativa enriquece a compreensão e a interpretação social que vai além das aparências e não deve ser apenas um meio de acumular conhecimento, senão um caminho de empoderamento, tanto individual como coletivo. Com a leitura dos textos incentivadas pelos professores do Mestrado, assim como as nossas vivências, discutíamos como a pesquisa qualitativa pode dar voz às comunidades marginalizadas, aumentar a conscientização sobre suas lutas e influenciar positivamente políticas transformadoras.

Durante as aulas e nos corredores em debates com meus colegas do Mestrado, uma lição valiosa emergiu, uma lição que moldaria minha abordagem à pesquisa qualitativa: a importância de escapar do jugo da perfeição. Muitas vezes, somos compelidos a acreditar que devemos ser mestres em tudo o que fazemos. Frequentemente nos cobramos uma excelência inatingível, transformando a busca pela perfeição em um calabouço mental que nos impede de explorar novos territórios, experimentar o desconhecido e, mais importante, saborear o processo. Em momentos de autocrítica, tornamo-nos reféns de nossas próprias expectativas irrealizáveis e medos

imaginários. Criamos competições fictícias com versões idealizadas de nós mesmos, versões que não são reais. Essa idealização paralisa-nos, impedindo-nos de seguir nossas paixões e interesses genuínos.

Eu mesma já me vi aprisionada por essa crença. No entanto, esses diálogos fizeram-me repensar minha relação com a pesquisa e com a vida: a realidade é que a maioria de nós não é detentora de habilidades sobrenaturais ou talentos excepcionais em nossas áreas de interesse. E está tudo bem! Não é necessário ser extraordinário em tudo o que fazemos. Não temos que temer nos expor. O que verdadeiramente importa é a satisfação encontrada no processo e na jornada de aprendizado. Estou em constante processo de aprendizado e crescimento, permitindo-me ser "inexperiente" em algumas áreas que desejo explorar. Estou abandonando o temor ao ridículo e à falha imaginária. Estou me libertando da pressão de ser "exímia" em tudo. Como disse uma colega durante as aulas: temos que ter "humildade epistemológica" de compreender também que não sabemos tudo, aceitar as críticas do coletivo e buscar a evolução nesse percurso.

Assim como Mia Couto nos lembra de que 'o que faz andar a estrada é o sonho', a pesquisa qualitativa ensina-nos que o que nos impulsiona é a paixão pela descoberta, pela compreensão e pela transformação social. Esta é a essência da pesquisa qualitativa. Fazer pesquisa qualitativa não se trata apenas de produzir resultados brilhantes, mas de apreciar a aventura de escutar as narrativas das pessoas, de compreender suas vivências e contextos e contribuir para um mundo mais justo. Da mesma forma que o sonho mantém a estrada viva, a paixão e o propósito mantêm viva a pesquisa qualitativa, fazendo-nos parentes do futuro e permitindo que possamos construir novos e próprios caminhos.

Por que pesquisar sob o enfoque qualitativo no campo da Educação?

Adriana Loiola do Nascimento

Sempre que pensamos em pesquisa, logo vem à mente metodologia científica, elaboração e análise de dados. Contudo, inicialmente, isso nos gera angústias e nos inclina a procurar por fórmulas mágicas sobre como pesquisar. De antemão, posso garantir que não existe fórmula pronta! Os livros de metodologia científica, com todos aqueles métodos de pesquisa, auxiliam-nos na iniciação do que é pesquisa; mas fazer pesquisa é algo mais subjetivo, mais intrínseco e intimamente experiencial.

A pesquisa acontece no descobrir-se pesquisador/a. Refletir sobre o fato de que o processo do investigar faz parte do nosso dia a dia, pois estamos sempre instigando, planejando ações e atividades. Eu preciso me conhecer pesquisador/a, preciso entender o meu objeto de estudo, traçar objetivos claros, permear com uma metodologia coerente, para assim desenvolver uma pesquisa de qualidade. Qualidade educacional é aqui entendida como aquela voltada para a responsabilidade social, que se baseia na formação humanista, ética e cidadã do sujeito.

A construção da identidade de pesquisador/a é muito importante, pois, se essa identificação não acontecer de forma clara, corremos o risco de ser meros reprodutores de "metodologias prontas". Além disso, no campo educacional isso não contribui para ampliar o olhar sobre o que é pesquisar. Questionar as realidades e as verdades tidas como absolutas, ir atrás daquilo que nos inquieta, é esse o sabor do fazer pesquisa qualitativa.

Quando falamos de pesquisa em Educação, precisamos pensar o porquê de não deixarmos que os aspectos quantitativos sejam priorizados. A educação não se esgota em gráficos e/ou números. Eles são importantes para comparações de realidades, mas não são suficientes. A pesquisa qualitativa dialoga com aspectos sociais, subjetividades e intencionalidades. A intencionalidade determina o tipo de pesquisa a ser seguido.

Toda pesquisa é intencional, pois ela tem objetivos a serem alcançados. A diferença é que a intencionalidade da pesquisa qualitativa não se concebe em quantificações e generalizações. A pesquisa qualitativa pode até dialogar com a pesquisa quantitativa, mas ela é mais abrangente na medida em que considera os fenômenos sociais em sua totalidade, adentrando suas complexidades e pluralismos. Em ambas as abordagens, seja quantitativa ou qualitativa, o rigor teórico metodológico é primordial, já que é ele que torna científico um estudo.

Nas ciências sociais não cabem "padronização" ou fórmulas prontas de como fazer pesquisa. A pesquisa é feita e refeita em todos os seus processos: desde a elaboração do projeto, passando pela revisão bibliográfica, ida ao campo, coleta e análise de dados, até a escrita acadêmica dos resultados e discussão. Nesse caminho, a chegada é importante (as descobertas feitas); mas o caminho trilhado também

torna-se fundamental. Para ser trilhado, esse caminho deve ter um planejamento que não é engessado, podendo ser reconstruído quantas vezes forem necessárias para serem atingidas as intencionalidades.

As pesquisas requerem um conhecimento amplo acerca da complexidade dos fenômenos sociais, e esses fenômenos não se reduzem a quantificações. A *matematização*[1] tem sua utilidade, mas ela não esgota as possibilidades das pesquisas educacionais. Daí a importância do olhar qualitativo nas pesquisas.

Enquanto pesquisadora das educações[2] (aqui entendendo a educação como algo plural, que ultrapassa os muros escolares e apresenta-se sob diferentes aspectos, experiências e lugares), mergulhei em leituras sobre os métodos e os instrumentos qualitativos: pesquisa exploratória, estudo de caso, observações, questionários, entrevistas e diário de campo, percebendo a complexidade do que chamamos de pesquisa compreensiva. A forma como compreendemos o mundo reflete-se muito na visão que temos de educação. Qual educação defendemos? Quais intenções temos enquanto pesquisadores/as das várias "educações"?

A pesquisa qualitativa possui um aspecto mais abrangente em relação à pesquisa quantitativa à medida que visa aproximar-se do objeto em estudo, buscando captar mais do que os dados ou resulta-

[1] O termo *matematização* refere-se às operacionalizações positivistas e quantitativas da lógica cartesiana de fazer ciência. A discussão sobre o tema da *matematização* de dados em pesquisa pode ser aprofundada com a leitura do livro *Linhas de pensamento nas pesquisas em Educação*, organizado por Jackson Ronie Sá-Silva (2022).

[2] Brandão (2007, p. 9) explica sobre as múltiplas educações: "Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: educação? Educações".

dos, mas, sim, a dinâmica do processo, que possibilita a interação entre sujeitos pesquisados e pesquisadores/as, cada qual desempenhando uma função específica no contexto e ambos contribuindo para a construção do conhecimento.

Nesse sentido, o pesquisador não é detentor da "verdade absoluta" e não vai a campo apenas para coletar os dados e confrontá-los com a teoria. O pesquisador vai a campo movido por questionamentos, e o seu objeto de estudo deve estar intimamente ligado às suas experiências e realidade. Desse modo, muitas vezes a prática antecede a teoria. A teoria surge como complementação e explicação da realidade.

Assim, a pesquisa qualitativa cumpre o seu papel de "desnudar" realidades subjetivas, realidades estas que não podem ser medidas em números, conceitos e comparações fechadas e generalistas. A complexidade dos fenômenos sociais remete-nos à reflexão, cuidados com o "óbvio" e, principalmente, entender os significados, os valores, as crenças, as motivações que nos conduzem às interpretações das realidades.

Ao adentrarmos na esfera das ciências sociais, a ideia do subjetivo passa a sobrepor o objetivo, o mensurável. O campo das ideias, opiniões, sensações ganha espaço nas pesquisas qualitativas, que não negam a importância do quantitativo, mas vem alertar de que a complexidade dos fenômenos sociais não consiste apenas em quantificações e que, portanto, a visão positivista dentro da esfera educacional é limitada. Goldenberg (2004, p. 14) diz que: "Na pesquisa qualitativa, a preocupação não é com a representatividade numérica do grupo pesquisado, mas com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, de uma instituição, de uma trajetória, etc.".

A educação não é neutra! Lembram-se das "intencionalidades"? A educação também tem uma intenção. Os ideais positivistas defendem uma educação tecnicista, sem criticidade; daí decorre a sua limitação para as ciências humanas e sociais. A pesquisa qualitativa possibilita-nos investigar o mundo sob novas perspectivas, com o olhar mais aguçado para os fenômenos difíceis de mensurar e compreender.

Dessa forma, destaco a importância da teoria pós-crítica para as pesquisas em educação, que traz o significado de um "ir além" e desconstrói verdades socialmente construídas, colocando o marginalizado no centro do processo através de uma escrita que não é neutra e buscando entender a subjetividade mais profunda dos fenômenos sociais.

Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais? 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie (org.). **Linhas de pensamento nas pesquisas em Educação**. Curitiba: CRV, 2022.

Pesquisa qualitativa: garimpando o imensurável fenômeno

Débora Rodrigues de Azevedo

A pesquisa adentrou em minha história mais fortemente durante a minha graduação, mas sempre fui uma criança curiosa, que fazia muitas perguntas e gostava de ler e entender o porquê dos acontecimentos que me rodeavam. Em casa, havia uma coleção de livros de propriedade de minha mãe, que me fizeram desde muito cedo navegar em diversos mundos, perpassando a literatura brasileira aos livros de receitas culinárias.

Minha curiosidade na infância e adolescência foi tão marcante, que um dos livros que mais gostava de ler aos dez anos de idade era uma gramática e um Dicionário Aurélio, daqueles antigos, grandes, com muitíssimas páginas, letras pequenas e palavras que jamais havia escutado, mas que me pareciam mágicas, pois tamanhos eram a beleza e o encantamento que nelas enxergava. Queria entender por que havia palavras com acento agudo e outras com acento circunflexo e como conjugar corretamente os mais diversos verbos, principalmente aqueles pouco usuais, ou de que maneira eu poderia utilizar as palavras novas que aprendera.

Na adolescência, por ser tímida, procurava ler livros de grandes autores como Machado de Assis, Guimarães Rosa e Graciliano Ramos na busca por compreender um pouco sobre como os adultos viviam e como a vida acontecia; assim fazia reflexões desses autores, anotando em um discreto e secreto caderno de poemas de minha autoria. Essas eram as maneiras que encontrava para garimpar o desconhecido para mim. Não ousava tornar públicas as minhas descobertas, mas elas tornaram meu mundo e imaginação maiores, sendo capazes de não se acomodar perante o impulso de busca constante presente em mim.

E, assim, ao cursar a graduação, a semente da busca constante gerou brotos de inquietação. Desse modo, já no segundo período do curso de licenciatura em Matemática, comecei a participar de projetos de pesquisa na área da Educação com o intuito de perscrutar os desafios no ensino da disciplina. A necessidade de tornar a Matemática mais acessível a todos os estudantes é um anseio constante que me impulsiona a pesquisar e refletir sobre maneiras de contribuir para a prática pedagógica, a fim de (re)aprendê-la e (re)significá-la.[1]

Ao participar de projetos de pesquisa durante a graduação, fui reconhecendo que a pesquisa que fazia juntamente com meus professores e colegas de sala de aula eram pesquisas qualitativas. Embora nossas pesquisas fossem na área da Educação Matemática, elas ultrapassavam os dados quantitativos e estatísticos, possuindo enfoque mais profundo nas experiências e práticas educacionais. Percebi que as pesquisas realizadas nas escolas da rede pública oportunizavam-nos a observação, a investigação, o estudo e a análise do

[1] Encontro identificação nos ensinamentos de Paulo Freire ao dizer que o bom professor é aquele que começa a adquirir o hábito de refletir sobre a prática pedagógica a fim de (re)aprendê-la ou (re)significá-la.

processo educacional ocorrido nas aulas de Matemática, mediante intervenções que apresentávamos por meio de cada projeto de pesquisa.

A constatação de que fazíamos pesquisa qualitativa em Educação Matemática facilitou minha compreensão de sua importância na construção de um processo de ensino e aprendizagem matemática para além de métodos, estratégias e justificativas de resultados. Aumentando em mim o desejo de contribuir para a compreensão de que o conhecimento matemático também é capaz de fomentar a autonomia, a interação coletiva e colaborativa, a discussão dos variados temas de cunho social em seus diversificados contextos e mais.

Na pesquisa qualitativa, o pesquisador busca compreender e interpretar os significados dos fenômenos estudados. Dessa forma, quando adotamos esse tipo de pesquisa em Educação Matemática, reconhecemos *insights* do tipo, por exemplo, de reconhecer que a importância na resolução de um problema matemático não está apenas em chegar ao resultado matematicamente correto, mas também – e principalmente – no caminho percorrido pelo estudante para alcançar esse resultado. O processo de construção e o caminho trilhado por ele para chegar à solução do problema foi dotado de reflexão, avaliação, questionamentos e estratégias. Logo, esse caminho possui aqui notável importância dentro e fora da sala de aula.

O professor de Matemática, enquanto pesquisador qualitativo, deve ser capaz dessa compreensão e deverá estar atento às diferentes perspectivas dos estudantes e dos professores (objetos de sua pesquisa), uma vez que é importante identificar as principais dificuldades encontradas no processo de ensino e aprendizagem da disciplina e de como as interações sociais, as motivações, o contexto

social, político e econômico no qual os objetos da pesquisa estão inseridos interferem na forma como o conhecimento é processado.

Sendo assim, a abordagem metodológica da pesquisa qualitativa leva-nos ao garimpo! Garimpamos em busca de tesouros escondidos na complexidade dos conhecimentos, de sua construção e seus desafios. Desbravamos o caminho das interações, das motivações, das perspectivas, das análises fenomenológicas, dos dados descritivos advindos do contato direto e interativo do pesquisador com seu objeto de pesquisa, na valorização das narrativas e experiências individuais, bem como na incansável busca pela compreensão dos fenômenos estudados segundo a perspectiva dos participantes. Para isso faz uso das ferramentas do rigor científico e com elas garimpa a riqueza que há nos fenômenos! Assim o faz, de forma profunda e significativa, em busca de contribuir para a prática pedagógica.

O que a pesquisa qualitativa tem a nos revelar?

Carolina Augusta Almeida Lima

Nas narrativas da vida acadêmica, temos contato com várias perspectivas sociais, culturais, científicas e emocionais, que constituem a nossa identidade e se refletem em nossas jornadas, sejam profissionais, afetivas ou familiares. Nas trilhas da jornada acadêmica, ao percorrer um caminho entre graduação e cursos de pós-graduação *lato sensu*, a metodologia científica e a gestão da pesquisa, bem como os seus percursos, o sentimento frequente diante da maioria das metodologias, das aulas e procedimentos é de certo engessamento, semelhante ao de estruturas configuradas nas estátuas de mármore: paredões tão rochosos, elementos tão difíceis de romper, que me levaram a pensar nas pesquisas científicas como uma árdua e atravancada jornada.

Nesses caminhos, o questionamento do eu, enquanto pesquisadora, colocava meus pensamentos na perspectiva de qual autonomia teria diante do objeto de estudo ou dentro do campo pesquisado. Inúmeras vezes subestimei-me e preferi não avançar, modular, colocar ou mesmo expressar as minhas vivências, sentimentos e impressões acerca do que lia, ouvia, modificava e imprimia nos rotei-

ros de escrita sobre temas diversos, que não perdiam cientificidade nesse processo, mas eram censurados pelo eu-pesquisadora, que se constituía nas inúmeras narrativas da minha vivência.

"Você não pode colocar suas impressões nesta pesquisa"; "a imparcialidade tem que se apresentar do início ao final do percurso"; "não podemos ter narrativas postas na primeira pessoa": essas, entre outras ideias, alimentadas por um sentimento de severidade, influenciaram-me no entendimento do que as pesquisas nos podem revelar, construir, descontruir, ressignificar.

No emaranhado das possibilidades da pesquisa científica, o pensar mais prático e racional direciona-nos à pesquisa quantitativa, que no universo da metodologia científica se aproxima da forma mais simples e acessível de reduzir tudo a um resultado em uma escala ou a determinado conjunto de respostas aceitáveis, embasadas em estudos estabelecidos.

Na difícil tarefa de sermos tão imparciais, buscamos metodologias que se apresentem como um caminho mais fácil, cujas etapas, por meio de números, percentagens e/ou médias ponderadas, demonstrem o que queremos em uma escala prévia já conhecida.

Mas o que isso significa para o meu "eu-pesquisadora"? Em diversos momentos, senti um afastamento do que eu pesquisava e do que eu imprimia em minhas escritas, com medo de julgamentos e da queda no abismo do "não está fazendo ciência". Projetei, portanto, mais dados e números de potências narrativas por meio da pesquisa quantitativa direta.

Ao cumprir alguns créditos da disciplina de Metodologia e Pesquisa Científica, passei a me aproximar cada vez mais da pesquisa qualitativa, que permitia o estudo dos temas e objetos que mais aguçavam a minha curiosidade, na busca de leituras, soluções e estu-

dos mais aprofundados sobre determinada realidade e/ou sequências de fatores e metodologias que incidiam no campo social e cultural principalmente.

A abordagem qualitativa permite-nos analisar a existência de um problema com um olhar mais interpretativo, levando-nos a um contexto específico de investigações no método científico. E o que os estudos pautados nessa abordagem nos contam? A aquisição e o alcance de dados descritivos que englobam sujeitos, locais, lugares e processos interativos permeados pela subjetividade do pesquisador.

Uma das vantagens mais elementares desse tipo de pesquisa é que ele permite o estudo dos sujeitos e – até posso me permitir afirmar – a exploração de um cenário ou comportamento. Permite experimentar as causas e consequências dentro da gama de informações e o que vivenciamos no percurso, como a trilhar por áreas desconhecidas, a explorar as possibilidades de diferentes sensações e composições de escolhas, modos, jeitos, falas, dentre tantos outros determinantes que aportam para conhecimentos e olhares analisados por atravessamentos de linhas de pensamentos na subjetividade do eu-pesquisador, que, por sua vez, traz reflexões e modificações permeáveis e integradas às interfaces de respostas e um panorama para as buscas.

Nos achados da mente ao trilhar o Mestrado, o contato com uma nova visão sobre a pesquisa qualitativa atravessou meu olhar e meu percurso como pesquisadora, passando a compor um universo de contexto mais dinâmico e levando-me a pensar em estruturas mais flexíveis.

E o que esse novo olhar sobre a pesquisa qualitativa me permitiu? Arriscar, estudar, pesquisar, trocar relatos, ressignificar e repensar o modo como as minhas ideias e as vivências de meu "eu-pesquisa-

dora" são potentes diante do universo da pesquisa, podendo, porém, ser expressas de forma leve e significativa aos pares que lerão as minhas narrativas de pesquisa. Para ampliar, ainda ouso dizer que muitos leitores poderão enxergar-se e encontrar respostas, revoltas, sentimentos e atravessamentos que poderão nunca mais ser os mesmos, e eu gosto desse movimentar!

O meu depoimento fica em narrativas que se movimentaram como o desvendar de um "objeto subjetivo" diante de subsídios que, em respeito ao contexto, imprimem as suas marcas e favorecem o processo de investigação entre vários percursos com intencionalidades de ações registradas durante a pesquisa. E o que podemos pensar com isso?

Penso que instigar as produções acadêmicas a esse novo olhar mais acessível e de proximidade do percurso enquanto pesquisadora, por também espelhar isso aos participantes, revela-nos ainda mais as nuances dos desafios de refletir sobre tudo o que observamos, escrevemos, classificamos e avaliamos, entre outras tantas formas e fontes inesgotáveis de ações que tangenciamos no percurso da pesquisa.

As contribuições da pesquisa qualitativa realizo evocando o sentido da palavra "revelar", que remete a tantas ideias de tirar o véu ou patentear algo antes encoberto, mostrar, ver, manifestar, fazer conhecer, propagar. E o que traduzir em outros sentimentos em detrimento dos significados? A aproximação na própria prática de fazer pesquisa e de externar as narrativas fecundas que em sua essência permitem a todos o acesso e a acessibilidade do fazer e ter ciência em contextos mais diversificados e no compartilhamento de conhecimento.

A pesquisa qualitativa revela-nos que é possível e viável, a partir das janelas abertas, enxergar e sentir a luz dos conhecimentos ge-

rados, buscados, afinados, as respostas das provocações "compartilhadas" durante a pesquisa. Ainda acrescento que, em Educação principalmente, a pesquisa qualitativa apresenta-nos caminhos de existência de princípios pautados em fundamentos que nos permitem a transformação por meio da valorização de um diálogo profundo na comunidade educacional, bem como permite uma extensão de pressupostos que permeiam e reivindicam os reais métodos e metodologias para desvendar as curiosidades, práticas, lacunas, experiências que possibilitem transformações sociais e culturais.

Abordagem da pesquisa qualitativa como processo de construção

Andressa Jorgeana da Silva Ferreira

O processo de pesquisar exige uma atividade intencional, organizada e de reconstrução, uma vez que no decorrer da investigação há uma construção dos objetivos, métodos e instrumentos que podem ser reformulados posteriormente, o que quer dizer que dados e processos estão passíveis de alteração.

Existe um rigor científico para analisar um objeto de pesquisa em sua profundidade, seja para uma monografia, dissertação ou tese. Logo, em cada um desses trabalhos científicos é necessário definir o primeiro passo, que é a abordagem para a investigação, que pode ser quantitativa, qualitativa e quanti-qualitativa. O foco da narrativa que apresento são a abordagem qualitativa e a sua escolha pelos pesquisadores, especialmente dentro dos estudos na área da Educação. Contudo, antes de nos aprofundarmos sobre esse tema, devo esclarecer as diferenças entre as abordagens.

As pesquisas quantitativas organizam-se em etapas durante o seu processo, ou seja, elas se baseiam em um modelo definido e que deve ser rigorosamente seguido para que os resultados sejam padronizados e sejam passíveis de ser generalizados, já que esse tipo de pes-

quisa trabalha com bases estatísticas e fórmulas. Essa abordagem tem o alicerce no positivismo, que lida com o real e objetivo, com a formulação de hipóteses para confrontar a realidade e para verificar os resultados, os quais podem ser validados ou refutados.

Todavia, nesse ponto em relação à Educação, a pesquisa quantitativa não abarca as variáveis que impactam os resultados de uma investigação nessa área. Ademais – devido às diferentes realidades das escolas não é possível generalizar e padronizar seus resultados; por isso as pesquisas em Educação preferem o método qualitativo e subjetivo. Essa preferência é justificada porque a pesquisa qualitativa compreende as variáveis do objeto de estudo e as inúmeras nuances que pode apresentar na tentativa de seu desvelamento, seja ele o processo de ensino-aprendizagem, sejam a gestão escolar e o trabalho docente, sejam as políticas educacionais, a qualidade do ensino ou mesmo as avaliações e as suas diversas concepções. Todos esses elementos devem ser levados em conta, pois a gama de sujeitos que participam desse processo é grande e complexo.

A educação é, dentro do capitalismo, uma mercadoria; logo, seus encaminhamentos são ditados pelos organismos internacionais a partir de uma ordem hegemônica para perpetuar o *status quo* imposto pela classe dominante à sociedade geral. Por isso devemos falar, então, sobre a ideia de "educações" que ocorrem em espaços e em momentos diferentes e que podem ser usadas igualmente para transformação ou dominação dos cidadãos. Esse estreitamento entre o sistema capitalista e os modelos educacionais remete-nos à *Escola de Chicago*[1], que abordou as situações que a cidade de Chicago passava na-

[1] De acordo com Mirian Goldenberg (2020), a Escola de Chicago foi um movimento que estudou a realidade da cidade de Chicago na década de 1930 e utilizou métodos e técnicas da pesquisa qualitativa a partir de áreas do conhecimento como a Antropologia e a Sociologia.

quela época, demonstrando que o contexto social, econômico e político influencia todas as áreas das esferas pública e privada e, por conseguinte, a Educação. Logo, analisar o processo educativo distante do contexto sociocultural, político e psicológico que o envolve é desconsiderar elementos importantes para desvendar uma totalidade, percebida como complexa e multifacetada, da qual a Educação faz parte.

A pesquisa qualitativa ultrapassa o olhar pragmático da pesquisa quantitativa, já que o ponto de diferenciação é permitir a subjetividade do(a) pesquisador(a), assim como os instrumentos para a coleta de dados que trazem diferentes elementos para a discussão. O ato de pesquisar pressupõe uma preparação a partir de leituras sistemáticas, de uma escrita intencional com base em autores compreensivos, do acesso a artigos científicos e a livros como parte de uma pesquisa bibliográfica e análise documental que torna o processo de investigação mais rigoroso desde que as fontes utilizadas sejam confiáveis e relevantes para as práticas de pesquisa que compõem esse universo complexo da abordagem qualitativa.

Além do meu olhar de pesquisadora e da construção de valores, significados que delineiam a representação do nosso objeto, destaco a escrita e a leitura, que são condições *sine qua non* para a construção de uma pesquisa de qualidade como parte de uma rotina séria. À vista disso, recordo do momento de elaboração de minha monografia e como ele foi cansativo, no qual, às vezes, sentia-me improdutiva e sem criatividade. Agora, no Mestrado, a situação é diferente, pois conhecer a abordagem qualitativa e os instrumentos da percepção compreensiva transformaram o meu olhar e pensamento a respeito da pesquisa.

Outro ponto relevante para esse método é a utilização da entrevista com os sujeitos colaboradores da pesquisa, por exemplo, pois

a participação deles enriquece o estudo com informações não somente oriundas da fala e do diálogo, mas também da postura e das expressões dos informantes no momento da entrevista. Absorver toda essa comunicação verbal e não verbal exige que tenhamos um roteiro estabelecido, pautado no objetivo que se pretende alcançar por meio desse instrumento para contribuir com a análise do objeto de investigação. Portanto, fica claro que a pesquisa qualitativa elimina a neutralidade por parte do pesquisador, pois a sua observação, intenção, análise e escolhas são norteadores de peso em parte da pesquisa, e são justamente essa subjetividade e parcialidade que diferenciam a pesquisa qualitativa da pesquisa quantitativa.

Assim, a abordagem metodológica qualitativa não busca exatidão baseada em números; preocupa-se com a análise da realidade para a elaboração e organização de projetos intervencionistas. Espera-se que esses resultados nos ajudem a buscar a transformação, entretanto, deixo claro que o uso de etapas e elementos quantitativos dentro da pesquisa qualitativa não a anula; pelo contrário, os dados estatísticos podem enriquecê-la. Portanto, a observação, uma técnica qualitativa flexível e não padronizada, é um instrumento de coleta de dados que pode ajudar e descrever o que ocorre no campo da pesquisa durante todo o processo, inclusive na análise dos dados.

O papel do pesquisador é analisar qual tipo de abordagem se enquadra em seu objetivo, apreender melhor o seu objeto, auxiliar no aprofundamento da temática, para então escolher os instrumentos essenciais. Logo, consideramos que na Educação – campo rico de informações, concepções e práticas que envolve tantos sujeitos – a pesquisa qualitativa apresenta-se como uma opção viável para a sua compreensão. É importante nos esquivarmos da superficialida-

de acadêmica e usar com cuidado os conceitos e as categorias que auxiliam na análise dos dados da investigação.

Para finalizar, independentemente da abordagem escolhida, é necessária uma postura responsável do pesquisador no que diz respeito à busca por informações, que devem sempre vir de fontes seguras. Por isso o investigador deve valer-se de plataformas como a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), os periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), etc., além de se dedicar ao estudo, à leitura e à escrita, pois o conhecimento é produção. E esse conhecimento não tem fim nele mesmo, porque o pesquisador está passível de socialização com os pares, com estudiosos da área ou com quem possa se interessar por um estudo mais aprofundado.

Hoje, a Educação é um campo minado, no qual grandes instituições – juntamente com organismos internacionais como o Banco Mundial, Fundo Monetário Internacional e outros – mantêm os status de uma minoria privilegiada e com acesso a uma educação de qualidade, enquanto o restante de nós fica à margem dessa realidade. As pesquisas e os seus achados permitem uma visão crítica e reflexiva de uma situação que se retroalimenta e deve ser contestada para, consequentemente, ser transformada por meio da ampliação do conhecimento e de mudanças fundamentais numa sociedade cuja desigualdade atual reflete-se no contexto social e escolar.

Referência

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais? 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

Minha (trans)formação após encontrar-me com a pesquisa qualitativa

Daiane Oliveira da Silva

Gostaria de iniciar este texto apresentando-me. Sou professora de Matemática nas redes municipal (no Ensino Fundamental II) e estadual (no Ensino Médio), respectivamente nas cidades de São Mateus do Maranhão e Alto Alegre do Maranhão. Licenciada em Matemática pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), com Especialização em Métodos Estatísticos Aplicados pela mesma instituição. Ressalto que a Especialização na área de Estatística explica-se por me ter apaixonado pelos cálculos e pela ideia de "previsão" de determinados acontecimentos ainda nos anos escolares da Educação Básica. Assim, como você pode constatar, minhas formações iniciais foram na área das Ciências Exatas.

Quando adentrei nos estudos *stricto sensu* no Mestrado Profissional em Educação da Universidade Estadual do Maranhão, percebi em mim uma grande lacuna em relação aos trabalhos de pesquisa com abordagens qualitativas. Mais especificamente, durante as aprendizagens vivenciadas na disciplina de *Pesquisa em Educa-*

ção, notei a relevância que esse tipo de abordagem pode empreender numa investigação acadêmica.

Nas atividades de pesquisas realizadas até então, costumava limitar minhas análises à tabulação de dados através da sistematização em gráficos e/ou tabelas, sem uma percepção mais crítica na discussão desses. Definitivamente, posso afirmar que eu não tinha um olhar de pesquisadora em Educação. Em nenhum momento, essas pesquisas foram consideradas como meios para solucionar/discutir problemáticas relacionadas aos cenários dos quais partiam.

Não sei se acontece em todas as turmas de graduação de licenciatura em Matemática ou se aconteceu somente na minha, mas foram raros os professores que nos incentivaram a ler. Acredito que essa seja uma das fragilidades de nosso curso, que nos prejudica enquanto profissionais da Educação. Afinal, a leitura é uma das atividades que considero mais importante no fazer pesquisa, seja qualitativa ou quantitativa, pois nos fornece um aprofundamento necessário para as análises, de modo situado e fundamentado cientificamente.

O hábito da leitura tem me transformado aos poucos nesse percurso como professora e pesquisadora. Observo agora, como mestranda, quanto tempo perdi por não ter desenvolvido e valorizado esse hábito no período da graduação. Apesar de não pretender generalizar, arrisco a pontuar que essa carência na leitura atravesse vários cursos de graduação e pós-graduação nas áreas de Exatas, uma vez que a predominância e a supervalorização acabam por ser as disciplinas que tratam de conteúdos relacionados aos cálculos. A impressão que tenho é a de que há um mito nas universidades e escolas: o professor de Matemática tem que ser "bom de cálculo", e isso basta!

Na primeira aula da disciplina *Pesquisa em Educação* no Mestrado em Educação da UEMA, com o professor Dr. Jackson Ronie Sá da Silva, tive um baque, uma espécie de choque, e confesso que saí da aula encantada com todo o conhecimento compartilhado, mas também me perguntando se eu realmente estava no lugar certo, se era isso que eu realmente queria, se iria dar conta de aprender tanta coisa nova, enfim. Em meio a essa reflexão lembrei do que me levou até a seleção do Mestrado. Almejei esse Mestrado por diversos motivos, e o principal deles foi pensar em quanto melhoraria como professora de Matemática para compreender, além dos números, a beleza do mundo educacional no qual estou inserida.

A caminhada pela pesquisa qualitativa não tem sido fácil, sobretudo com o desafio de me desapegar das ideias encrustadas da pesquisa quantitativa. Não quero aqui ser negligente e negar ou expurgar a relevância e contribuição da pesquisa quantitativa para os diversos campos do conhecimento científico e acadêmico. Sabemos que, embora as pesquisas quantitativa e qualitativa apresentem abordagens diferentes, ambas são importantes para aquilo a que se propõem; inclusive acredito que a combinação dessas duas abordagens em algumas situações pode fornecer uma compreensão mais elaborada de diversos aspectos educacionais.

Em meio aos dilemas que vivenciei durante a disciplina *Pesquisa em Educação* primeiramente busquei entender o real significado e objetivo da palavra *pesquisa*, para depois situar-me no entendimento e na diferenciação das pesquisas qualitativas e quantitativas. Compreendo que o ato de pesquisar seja um processo pelo qual podemos construir novos conhecimentos e buscar soluções para determinados problemas, constituindo-se como ato essencial para o avanço do conhecimento científico e acadêmico das mais diversas áreas.

A pesquisa quantitativa, como o próprio nome já sugere, preocupa-se essencialmente em quantificar, com uso da estatística, as informações obtidas através da geração de dados para encontrar padrões e relações entre os fenômenos. Nesse tipo de pesquisa, o pesquisador e o objeto de pesquisa mantêm-se distanciados. Mas, apesar de seu caráter generalista, essas pesquisas são importantíssimas para o campo educacional, pois ajudam na tomada de decisões.

A pesquisa qualitativa que me foi apresentada no Mestrado traz o pesquisador como o indivíduo de maior importância durante o processo. O pesquisador vai conseguir interpretar e descrever seu objeto de estudo muito além daquilo que pode ser analisado através da estatística em uma pesquisa quantitativa; o objetivo é obter informações ricas em detalhes e sutilezas que possam ser analisadas de forma aprofundada e contextualizada.

Encontrar-me com a pesquisa qualitativa foi como se tivesse achado algo que faltava em minha formação como professora, para que então consiga contribuir efetivamente para a transformação das realidades encontradas/vividas em sala de aula. Continuo amando a minha área de formação inicial, talvez ainda mais do que antes, só que agora tenho um diferencial que o conhecimento sobre pesquisa qualitativa me trouxe.

Atualmente, entendo a pesquisa qualitativa como um meio (mais complexo) que abrange vários métodos e técnicas para compreender os fenômenos sociais que nos cercam nas mais diversas áreas, não que a pesquisa qualitativa se restrinja somente a fenômenos que envolvam os seres humanos. Ela nos permite perceber aquilo que não é possível quantificar. Essa característica pode confundir algumas pessoas que inadvertidamente venham a acreditar que, por não ser quantitativa, seja mais fácil sua realização. Engana-se quem

pensa dessa forma. É justamente essa característica que a torna difícil, principalmente para alguém como eu, ligada há tanto tempo com a pesquisa quantitativa. Mesmo não sendo um processo fácil para mim, tenho buscado tornar-me uma pesquisadora em Educação com excelência, tornando-me uma professora reflexiva, buscando contribuir para os avanços na Educação.

Reconhecemos que, ao analisar os fenômenos sociais, não precisamos matematizar tudo, haja vista a pesquisa qualitativa, diferentemente da quantitativa, não ser padronizada. Optamos por identificá-la como uma pesquisa com mais flexibilidade no tratamento das diversas mudanças que podem acontecer no processo investigativo.

Através da pesquisa qualitativa é possível compreender o indivíduo e o meio em que está inserido, interpretando-o como um sujeito da pesquisa que não será tratado como um mero número ou dado coletado, sem interação com o pesquisador.

Esse encontro com a pesquisa qualitativa possibilitou-me descobrir uma pesquisadora adormecida que havia em mim. Asseguro que, então, posso entender com mais reflexão e criticidade aquilo que estou pesquisando, construindo um novo conhecimento que poderá ser utilizado para mudar/melhorar o meio no qual o fenômeno estudado ocorre.

Nesse sentido, argumento que pesquisa qualitativa em Educação possui o poder de nos fazer interpretar, refletir e (trans)formar as nossas realidades, e esse é meu desejo enquanto professora pesquisadora, pois fazer pesquisa qualitativa é, portanto, muito mais do que quantificar dados ou analisar situações; é contribuir para a solução de problemas sociais e ser um agente na/para a transformação na sociedade.

Pesquisa qualitativa em Educação: uma relação construída a partir de aulas, leituras e reflexões

Joseane Cristina dos Santos Sousa

Minha relação com a pesquisa foi um casamento arranjado, uma união acordada por terceiros. Faltando conhecimento para fundamentar a união, a cada contato descobria algo novo, e entre erros e acertos, íamos nos aproximando cada dia mais. Ainda quando estava na Graduação, os meus primeiros contatos com a pesquisa foram com as disciplinas ministradas no curso de Licenciatura em Pedagogia: Metodologia Científica, Metodologia da Pesquisa em Educação, Trabalho de Conclusão de Curso – Pesquisa da Realidade e Trabalho de Conclusão de Curso – Produção Científica. No entanto, ainda me sentia convivendo com algo estranho, pois não tinha conhecimento e aprofundamento para entender a intencionalidade e a singularidade da pesquisa, principalmente da pesquisa qualitativa em Educação.

Logo que iniciei o curso de Pedagogia, deparei-me com a primeira disciplina que me provocou certo abalo, até porque possuía muitas fragilidades na leitura e na escrita. Sou a primogênita de pais

analfabetos, os quais desde cedo tiveram que escolher entre estudar ou trabalhar e fizeram o que estava ao alcance de suas condições cognitivas e financeiras para me manter na escola. Porém, não tinham como me assessorar, uma vez que eles não dispunham de instruções suficientes para me ajudar nas tarefas da escola. Dessa forma, a minha educação escolar possuía carências, que não se restringiam somente às condições de minha família, mas perpassavam também a estrutura física, organizacional, curricular e profissional das escolas em que estudei e que repercutiram na minha formação humana, pois, ao rememorar, percebo-me como uma adolescente acrítica.

Desse modo, quando ingressei na Universidade, o primeiro momento foi de desconstrução, visto que percebi que não poderia ser reduzida somente a uma mera massa de manobra, mas que precisaria lutar e ir além do óbvio. Descobri que o conhecimento é um subsídio importante para resistir a e em uma sociedade excludente. Foi ainda na Universidade que tive o meu segundo contato com o processo de pesquisa na iniciação científica – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC).

Foi nesse segundo momento que descobri, ainda mais, a minha incompatibilidade com a pesquisa. Apesar de produzir o projeto, estruturá-lo com todos os seus elementos, ainda me sentia convivendo em terreno estranho, desconhecido. Estudei, investiguei, apliquei, analisei e produzi, porém, sem compreender a essência de todas essas ações e o que elas significavam. Hoje, no Mestrado, ao relembrar essa fase, percebo que não tinha descoberto o meu "Eu pesquisadora" e, além disso, não havia construído, ou melhor, me apropriado do que realmente é a pesquisa, visto que até então pesquisa, a meu ver, consistia em um ato muito complicado, difícil de ser executado e compreendido.

Por isso, tantas indagações habitavam em minha mente sobre o ato de pesquisar, tais como: Será que sou capaz de fazer pesquisa? Será que sou capaz de escrever? Porque, muitas vezes, senti que a metodologia da pesquisa me parecia complexa e inacessível. Percebo hoje que as inúmeras indagações eram provenientes da minha relação de distanciamento com a pesquisa. Colocava-me como um sujeito externo e criava uma barreira com o ato investigativo, pois assim me foi ensinado.

A pesquisa era situada por mim em uma estratosfera, como algo destinado à elite e longe das atividades comuns e de pessoas como eu, filha da classe trabalhadora. Portanto, acreditava que não competia a mim desenvolver essa ação de descoberta, construção ou criação do conhecimento, mas a execução. Todavia, na insistência em pesquisar descobri que esse ato provoca, de certa forma, o desprender-se das amarras de dominação e preconceito. Foi assim que o processo de desconstrução e reconstrução de uma nova relação com a pesquisa começou: quando me foi apresentada sua história e origem, ou seja, como surgiu a pesquisa qualitativa na Educação, pois uma relação sólida e profunda inicia a partir do momento em que se conhece a História, visto que ela é um elemento primordial para entendermos o presente. E, conhecendo a História, pude entender o porquê de uma relação tão superficial e passiva, e a pesquisa foi-me apresentada ainda envolta em um caráter quantitativo.

Ao rememorar a História, por muito tempo prevaleceu um único modelo de fazer pesquisa, baseado em técnicas e métodos quantitativos, fundamentados na linha de pensamento positivista, oriundo de uma hierarquia entre as Ciências, na qual a Matemática detinha o primeiro lugar, em detrimento das Ciências Sociais. Dessa forma, as pesquisas nas Ciências Sociais deveriam se-

guir os moldes das Ciências Exatas: uma ação neutra e objetiva, cuja investigação do objeto de estudo estaria desvinculada da realidade social, e o pesquisador deveria manter o distanciamento com o objeto da pesquisa para que suas crenças e seus valores não interferissem na avaliação, emitindo julgamentos e alterações nos dados levantados na pesquisa.

Todavia, com o passar dos tempos e as demandas da sociedade, observou-se a insuficiência da pesquisa quantitativa para as Ciências Sociais, visto que o objeto de estudo está vinculado a um contexto e imerso em uma conjuntura social em que somente teoria e métodos quantificáveis não seriam suficientes para pesquisar e analisá-los. Assim, a pesquisa qualitativa surge com o pressuposto de que um fato não pode ser compreendido apenas por meio de critérios de mensuração, mas por meio de uma percepção dialética da realidade.

A pesquisa qualitativa apresenta características próprias, que implicam o levantamento de dados descritivos, oriundos do contato do pesquisador com a situação pesquisada, além do destaque sobre a visão dos participantes no processo investigativo. A pesquisa deve acontecer em seu ambiente natural, para que o pesquisador, em seu contato direto com a situação, possa observar o objeto de estudo envolto nas influências do contexto para assim compreendê-lo. Porquanto, um fator primordial na pesquisa em Educação é o destaque dado à perspectiva dos participantes envolvidos no ato investigativo, ou seja, sua forma de conceber a si, a situação e o objeto em estudo.

Fundamentar-se nessa perspectiva de conceber a pesquisa em Educação consiste em acreditar que ela representa uma ação, que requer ser alicerçada em uma teoria, em um pensamento que auxilie na verificação da realidade, para que, assim, possa olhar o objeto de

investigação por lentes especificas, que tenham clara a forma de conceber o mundo, o homem, o conhecimento e suas relações. Esse é o fator crucial para o rigor na pesquisa qualitativa.

Partindo disso, o processo de pesquisa inicia desde o momento da escrita do projeto, pois compreende pensar em uma estrutura de sustentação para o processo investigativo, que possua uma ligação intencional entre título, introdução, justificativa, revisão da literatura, objetivos, metodologia, cronograma e referências. Hoje, percebo que entre tais elementos o eixo-chave para que ocorra a ligação entre eles está no problema da pesquisa, uma vez que ele definirá a forma de conduzir a investigação e quais caminhos a ação deverá trilhar.

O problema é o primeiro passo para o sucesso da pesquisa. A partir dele, o pesquisador identificará qual caminho (metodologia) será necessário percorrer para a concretização da investigação e quais objetivos serão traçados para que consiga responder à questão levantada inicialmente e, assim, possa fazer a imersão no assunto, verificando o estado da arte, por quais lentes estudará o objeto, qual a relevância do estudo para a prática social e por qual método de pesquisa será desenvolvida.

Mediante o problema, o pesquisador pensará por qual linha de pensamento será estudado o objeto: se pela ótica do paradigma positivista, construtivista, marxista, das representações sociais, etnomatemática, teoria pós-crítica ou pelos estudos culturais, dentre tantas outras epistemes e filosofias que são acionadas para a compreensão daquilo que entendemos ser relevante investigar. E, consequentemente, se a investigação será desenvolvida por meio de uma pesquisa de campo, bibliográfica, documental, quali-quantitativa, exploratória ou explicativa, uma vez que o objeto estudado dará os

indícios de quais instrumentos serão pertinentes para o levantamento dos dados da pesquisa.

Ademais, nesse ponto encontrava-se uma das dúvidas que carreguei por toda a minha vida acadêmica: a diferença entre pesquisa documental e bibliográfica, já que, até então, acreditava que significavam a mesma coisa, visto que ambos se baseiam na análise de documentos. Porém, na pesquisa documental, o documento excede a textos escritos e/ou impressos, podendo abranger fotografias, filmes, livros didáticos, vídeos, slides ou pôsteres – e são documentos escritos e não escritos, ou seja, fontes primárias.

A pesquisa bibliográfica já está direcionada a documentos de domínio científico, como livros, periódicos, ensaios críticos e artigos científicos, o que significa que são fontes já reconhecidas pelo domínio científico e que outros autores já utilizaram. Na pesquisa qualitativa, tudo está conectado, pois a partir do que se quer alcançar possibilitará fazer uma seleção dos instrumentos (técnicas) cabíveis para serem utilizados durante a pesquisa, se será pertinente uma entrevista, um questionário, uma etnografia ou uma observação para a coleta de dados durante o processo. Todavia, retomo a ênfase da relevância de estar claro para o pesquisador por qual linha de pensamento se fundamentará para desenvolver a pesquisa, pois ter claro isso possibilitará encontrar o seu eu pesquisador e, por conseguinte, a forma de condução da pesquisa.

Portanto, mesmo que minha relação com a pesquisa tenha sido fruto de um casamento arranjado, a qual ao longo da história tenha sido designada como propriedade da nobreza, hoje uma nova relação com a pesquisa foi construída, pois acredito que ela é fundamental para melhorar a Educação: é uma forma de ecoar as vozes e as necessidades de um povo e de descobrir e propagar conhecimentos. Pesquisa significa, assim sendo, emancipação.

A descoberta do *eu pesquisadora qualitativa*

Daniele Letícia Mendes Ferreira

A imersão em uma nova forma de compreensão dos fenômenos educacionais, dos processos de investigação científica, dos percursos metodológicos e epistêmicos conduziu-me à desconstrução de minhas conjeturas que estavam alinhadas a um olhar pragmático e matemático da sociedade e, portanto, eram estritamente tecnicistas.

As minhas recordações a respeito do fazer científico, moldadas pelos filmes norte-americanos, frequentemente me reportavam à imagem de uma ciência feita dentro dos laboratórios, cercados de aparato tecnológico. Essa percepção pueril levou-me a acreditar, por muito tempo, que os pesquisadores e os cientistas somente existiam dentro daquele ambiente.

O meu ideário sobre ciência sempre esteve atrelado ao quantificável, ao mensurável, à amostragem, à construção de verdades palpáveis, que supostamente eram capazes de uniformizar ações e criar/definir perfis aos sujeitos. Percebo que o reflexo dessa forma de concepção social sobre as pesquisas científicas tem como plano

de fundo a difusão massiva da legitimidade conferida às pesquisas de cunho quantitativo, próprias das ciências naturais.

A desconstrução desse paradigma ocorreu com o estudo levado a cabo pela disciplina *Pesquisa em Educação* do Programa Pós-Graduação em Educação, da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) em nível de Mestrado Profissional, ministrada pelo Prof. Dr. Jackson Ronie Sá da Silva, que, em uma obra coletiva intitulada *Linhas de Pensamento nas Pesquisas em Educação* (SÁ-SILVA, 2022), promoveu uma ruptura com essa perspectiva restritiva sobre o "pesquisar" na área da Educação.

A apresentação da pesquisa qualitativa – enquanto instrumento capaz de implicar o sujeito pesquisador e o objeto pesquisado e toda a sua complexidade – repentinamente fez surgir em mim a necessidade de conhecer, confrontar, descortinar esse espaço "despadronizado", multifacetado, no qual o sujeito – até recentemente compreendido enquanto destinatário dos resultados das pesquisas científicas – passou a se ver como parte dela, respaldado pela observação, metodologia e sistematização.

A investigação dos objetos educacionais e a exigência de que o pesquisador mantenha uma vigilância epistemológica é imprescindível para que a lógica qualitativa possa abarcar a verossimilhança e a complexidade dos mesmos. O meu arrebatamento pela abordagem qualitativa aconteceu pelo reconhecimento da importância social e filosófica da aplicabilidade da investigação científica qualitativa sobre os fenômenos sociais, graças à sua perspectiva humanizadora, plural, dialética e reflexiva.

Da padronização às intencionalidades: uma desconstrução social

Um dos motivos pelos quais me aproximei da pesquisa qualitativa foi o meu estranhamento quanto à forma de ver o mundo à minha volta, de perceber a complexidade dos fenômenos, especialmente aqueles relativos à educação. Há anos estive apartada das discussões acadêmicas, do desafio de pensar para além das metanarrativas, do pensamento cartesiano e globalizante.

Deparar-me com as teorias sociológicas e sua função de plano de fundo das possíveis interpretações dos processos investigatórios na pesquisa qualitativa fez-me repensar o meu lugar no mundo e como eu tenho me colocado como sujeito dentro do tecido social, assim como me fez meditar sobre os discursos de que tenho me apropriado e sobre os atos políticos que eu tenho reverberado.

Dessa forma, foi imprescindível regressar aos estudos das ciências sociais, remontar os percursos históricos para melhor compreender a necessidade dos recortes epistêmicos, dos aspectos metodológicos imprescindíveis para conferir o rigor formal à pesquisa qualitativa. Por meio desse passeio pelas teorias sociológicas foi possível identificar as relações de coesão e de contradição estabelecidas entre as teorias e a abordagem qualitativa da pesquisa.

Iniciei minha empreitada com os estudos sobre o positivismo sociológico tão necessários para compreender, problematizar e reconhecer a limitação da pesquisa quantitativa aplicada ao campo das ciências sociais. Precisamente no campo educacional – nosso objeto de estudo – essa corrente teórica encontra limitações, dada a complexidade dos objetos de pesquisa próprios dessa área de investigação.

Aprendi que a dimensão dos estudos sobre os fenômenos educacionais não se encaixa nas metodologias próprias das ciências naturais por conta de suas verdades mensuráveis. Por isso percebi a necessidade de reconhecer os aspectos positivos do método empregado na Educação brasileira, no tocante ao rigor científico e às sistematizações procedimentais da pesquisa.

A perspectiva marxista, que prevê um projeto societário globalizante que tem efeitos colaterais na Educação, não poderia deixar de ser apreciada por suas categorias de análise rígidas e centralizadas nas disputas de classes, nas relações de produção que, utilizando-se do materialismo histórico-dialético, constitui-se em uma forma de compreensão ampla da realidade social, nesse espaço o universo da Educação.

A abordagem da teoria pós-crítica é uma forma de investigar e analisar os processos sociais por uma outra ótica. Como essa perspectiva é diversa das abordagens das teorias anteriores, logo percebi quão importante são os estudos e as investigações voltadas às temáticas ligadas à dinâmica social, que desnudam o sujeito e que colocam a Educação como fator de desconstrução de concepções rígidas e dicotômicas, possibilitando uma visão plural sobre os sujeitos e os objetos de pesquisa.

Diante desse *tour* pelas teorias sociológicas e pelos seus métodos de investigação coloco a seguinte pergunta: que tipo de pesquisadora eu sou? Qual é a minha intenção? O que me move enquanto pesquisadora? Ainda não tenho essa resposta, contudo esse processo de construção e de desconstrução, promovido pelo contato com a pesquisa qualitativa, deslocou-me da zona de conforto, de um eixo imaginário e abriu um leque de possibilidades de construção/desconstrução social.

A pesquisadora aqui presente anseia por novas descobertas sobre a pesquisa científica – sobretudo sobre a pesquisa qualitativa –, sobre as possibilidades que essa ferramenta proporciona ao pesquisador no que diz respeito à investigação dos fenômenos, à interação dos sujeitos nos processos investigados, à interpretação, à captação dos significados, à descrição e às comparações estabelecidas pelos objetos investigados.

Não será mais possível enxergar o conhecimento científico e a pesquisa com os mesmos olhos, uma vez que as perspectivas sobre a realidade foram ampliadas, e só nos resta alargar as fronteiras do conhecimento, romper os paradigmas, superar as verdades preestabelecidas, tendo como enfoque as teorias, as experiências e a pluralidade dos sujeitos e suas intencionalidades**.**

Referências

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 2020.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento, pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

SÁ-SILVA, J. R. (org.). **Linhas de pensamento nas pesquisas em Educação**. Curitiba: Editora CRV, 2022.

BOURDIEU, P. O Campo científico. In: ORTIZ, R. (org.). **Bourdieu**. São Paulo: Ática, 1999.

Pesquisa qualitativa em Educação

Leidyane Balieiro Guimarães Cunha

A mente que se abre a uma
nova ideia jamais voltará
ao seu tamanho original.
(Albert Einstein)

Partindo dessa reflexão sugerida pelo cientista Albert Einstein, entendo que, uma vez apresentados a novos conhecimentos, não há como negá-los, retrocedendo em nosso aprendizado, embora haja liberdade para discordâncias. Assim como a pupila humana dilata, abrindo-se para o novo, para ajustar-se à luz dos objetos analisados, a nossa mente também há de se aprimorar na capacidade de perceber o diferente sob diferentes óticas. Como bióloga, trabalhando muitos anos com testes quantitativos laboratoriais, acostumei-me a avaliar (e ser avaliada) com exatidão, com ponderações matemáticas e metódicas, racionalmente explicadas, seguindo um raciocínio contínuo, apesar das mais diversas formas de complexidade. No entanto, abrindo-me para o novo, percebi na Pesquisa Qualitativa a quebra de paradigmas que me ansiava, mesmo sem perceber, na qual nem tudo é quantificável, matematizável ou mesmo materializável.

A Pesquisa Qualitativa sugere ou, por que não dizer, demanda uma intencionalidade no pesquisar, em que o pesquisador já traceja as primeiras linhas de sua caminhada em busca do saber. Nesse primeiro momento, ainda há um quê de familiaridade com a pesquisa chamada de quantitativa, onde já no planejamento estão contidas as inferências sobre aquilo que pretendo pesquisar, talvez até um viés não sistematizado do que se almeja encontrar. Entretanto, ao prosseguir na caminhada rumo ao saber, percebo que a Pesquisa Qualitativa vai demonstrando as suas diversas nuances, quase como aquele fenômeno da óptica em que a luz branca, ao atravessar um prisma transparente, dispersa-se em diferentes tonalidades, captadas pelos olhos dos animais em diversos comprimentos de ondas, de acordo com a sensibilidade dos olhos de cada espécie. E é justamente isso que entendo estar proposto ao pesquisador qualitativo: que ele seja esse "prisma transparente", no qual o objeto pesquisado (luz branca) pode ser livremente decomposto, sem preconceitos, e até mesmo visto de maneira mais detalhada, com maior sensibilidade, tal qual aquele espectro luminoso pode ser avaliado de maneira mais minuciosa quando dividido em pequenos intervalos.

Em Educação, pondero que a Pesquisa Qualitativa pode, sim, partir de pressupostos, baseando-se em uma versão empírica de algum fato ou teoria, mas não pode ser limitada a estes, devendo ser diligentemente analisada em suas diversas variáveis, tais como os aspectos culturais nos quais ela está inserida, os aspectos psicológicos e subjetivos, tanto do pesquisador quanto do ente pesquisado, bem como demais elementos que possam estar envolvidos ou que passem a envolver-se com a pesquisa ao longo do processo.

As pesquisas no âmbito educacional, ao mesmo tempo em que são entendidas como necessárias, com um "leve" senso de ur-

gência, são contraditoriamente as mais desencorajadas, ainda que de forma velada ou não, por estar, supostamente, mais fortemente arraigadas às questões políticas e sociais do que as pesquisas em saúde, por exemplo, com dados quantitativos considerados de maior impacto social. No entanto, vejo a necessidade da compreensão de que todos os processos sociais, podendo ser encabeçados pela Educação e pela Saúde, passam por um grande emaranhado de teorias políticas, comportamentais, econômicas e, por que não dizer, religiosas. Nesse raciocínio, qualquer tipo de pesquisa afetará um ou mais entes, não devendo este ou aquele estar isento das implicações dos resultados obtidos por uma pesquisa transparente, igual àquele prisma.

Lançando-me no universo educacional, como educadora tenho percebido o vasto campo de objetos de pesquisa na área da Educação, que está disponível para ser debulhado, tão somente haja pesquisadores disponíveis a enveredar pelos emaranhados de teias e dispostos a servir à pesquisa em si de maneira clara, concisa e coerente com as inúmeras realidades distribuídas neste enorme país.

A Pesquisa Qualitativa, de um modo generalizado, tem sido entendida como aquela em que o cientista se ocupa em investigar temáticas no campo da realidade não quantificável em sua diversidade de significados e motivações. O que mais poderia ser tão "não quantificável" quanto à Educação no Brasil? Faltariam laudas e textos acadêmicos para desgastar tal assunto, na verdade indesgastável, rodeado sempre e ainda de desigualdades e injustiças sociais. O conhecimento, tal como mencionado no primeiro parágrafo, é aquele dilatador que permite e incentiva novas buscas e desafios. Uma vez incentivado, não se deve negociá-lo no sentido de omitir itens de duvidosa estimação, seja ela de qualquer natureza. A liberdade de análises, possibilitada pela Pesquisa Qualitativa, estabelece-se então

como um desafio permanente ao pesquisador, para que este tenha continuamente um novo olhar sobre o objeto pesquisado, prismando-o, trazendo à materialidade cada universo multicor que conseguir encontrar.

(Re)significando olhares e saberes

Melissia Abreu Lima de Sousa

Como me reconhecer como professora-pesquisadora em um contexto que destoa de minha realidade de formação e de assertivas que reconheci como certas durante todo o meu labor docente? Quando iniciei meu percurso no Mestrado em Educação na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), essa pergunta me afligiu. Eu travei. Tive uma crise existencial.

Há 18 anos concluí minha graduação, seguida de pós-graduações em nível de especialização, e em todo esse processo acadêmico a pesquisa científica foi apresentada como algo bem distante, inatingível ou sem grande relevância. Havia uma busca ao longo da formação para cumprir a obrigatoriedade da Lei nº 9.394/96, que aprovisionou em dez anos o período para a formação inicial em serviço. Não posso negar que a academia me provocou, instigou e estimulou a ser uma professora crítica, reflexiva e comprometida com a minha prática. Porém, esse fazer docente estava enraizado em concepções tradicionais de padronização e generalização dos dados em relação às pesquisas até então incontestáveis. Isso porque, a exemplo, a ideia que se tinha era a de que, quanto maior o número de pesquisados, maior a veracidade da pesquisa, pois havia a concepção de que quantidade era sinônimo de qualidade.

A pesquisa qualitativa chega para mim com encantamento, rompendo paradigmas e desconstruindo quase tudo em que acreditei ser coerente em termos de metodologia científica. Pergunto-me: será que todo esse êxtase, agora no Mestrado, deu-se porque o mediador da disciplina foi o professor Jackson Ronie Sá da Silva? Bem, penso que ele foi uma via problematizadora. Percebo que o referido docente nos "tirou a venda dos olhos" ao nos provocar com suas características peculiares de humanização, sensibilidade e competência.

Através dos estudos vimos que a pesquisa qualitativa vem ocupando um lugar de destaque, especialmente porque envolve seres humanos e suas herméticas relações sociais, trazendo grandes contribuições, principalmente no campo da Educação. Pensar em uma perspectiva racional remete-nos a Morin (2000, p. 33) quando esse afirma que "o dever principal da educação é armar cada um para o combate vital para a lucidez". Essa lucidez obtém-se através de uma reforma de pensamento, alcançável por muitos caminhos, mas de que se destaca o combate à cegueira pragmática. Tal cegueira caracteriza-se, na maioria das vezes, pela visão unilateral, descontextualizada dos fenômenos a serem pesquisados.

Desse modo, as influências do paradigma positivista ainda são latentes em dias atuais. Elas operam nos processos educacionais, haja vista que, nesse sentido, a pesquisa qualitativa é considerada subjetiva e não científica, pois não se utilizam dados matemáticos a fim de estabelecer as relações de causa e efeito. É necessário, portanto, conceber que a Educação é movimento e está intrinsicamente ligada aos processos filosóficos, ideológicos, científicos e práticos do ser humano. Por essas razões, a pesquisa qualitativa em Educação não se reduz a um mero objeto quantificável e dedutivo, principalmente se considerarmos que a própria sociedade é ampla, reflexiva e plural.

Nesse contexto, as pesquisas qualitativa e quantitativa diferenciam-se em vários aspectos, pois é preciso considerar que no estudo das ciências sociais e humanas estão envolvidas pessoas que possuem capacidade de reflexão e interpretação. Por isso, os indivíduos devem ser considerados em toda a complexidade humana. Assim, a observação dos aspectos culturais, sociais e biológicos é fundamental para responder às questões de pesquisa.

A definição proposta por Denzin e Lincoln *et al.* (2006) para a pesquisa qualitativa está pautada na possibilidade de utilizar material diversificado, de natureza empírica, durante o processo de coleta dos dados. Entre os muitos instrumentos são apontados materiais textuais, como relatos, registros escritos de observação, além de outras ferramentas, a saber: estudos de caso, artefatos, produções culturais, material audiovisual e/ou interativo. Para os autores, esses recursos são indispensáveis, pois "descrevem momentos significativos rotineiros e problemáticos na vida dos indivíduos" (Denzin; Lincoln *et al.,* 2006, p. 17).

Destaco que, em meu processo de formação como pesquisadora, tenho percebido a importância de reconhecer os movimentos epistemológicos utilizados nas análises qualitativas, que superam a visão positivista de pesquisar. É importante conhecer, primeiramente, como a teoria marxista influenciou o pensar o ser humano como um sujeito natural, social, histórico e que analisa as contradições sociais produzidas pelo capitalismo a partir das lutas de classe e das disputas no trabalho. Outra teoria bastante difundida para explicar os objetos educacionais é o construtivismo. Piaget foi um dos maiores representantes dessa teoria e defendia que o conhecimento resulta da interação dos sujeitos com o ambiente. A partir dessa perspectiva, o ensino deixa de ser uma mera transmissão de conhecimento e passa a ser um processo didático-pedagógico.

O estudo qualitativo pode ser conduzido através de vários caminhos, e aqui destaco a Teoria das Representações Sociais (TRS), a Etnomatemática e os Estudos Culturais (EC). Trago um pouco desses estudos neste trabalho. A TRS surge a partir dos estudos na área da Psicologia. Sua base está centrada no senso comum e no reconhecimento da cognição e da percepção social. A partir desse entendimento percebeu-se o sujeito de forma produtiva e ativa. Dessa forma, os estudos da TRS analisam os fenômenos sob diferentes ângulos, manifestando a transversalidade, diversidade e complexidade dos objetos. Devido a seu caráter interdisciplinar, comporta várias técnicas qualitativas e quantitativas, observando o social, sem segregação e sem engessamento.

A Etnomatemática, outra teoria importante, mesmo tendo sido pensada a partir dos estudos matemáticos – mais especificamente a educação matemática –, não se restringe somente a essa área, mas também é uma proposta humanista, holística e multicultural. Está em construção e caracteriza-se a partir da realidade do outro, buscando a compreensão do conhecimento através de uma busca ativa, envolvimento e empatia, sem preconceitos ou julgamentos.

Prossigo com a explicação das linhas de pensamento nas pesquisas qualitativas em Educação e menciono ainda a teoria pós-crítica, a qual se caracteriza pela compreensão plural e interdisciplinar da ação dos sujeitos sobre seus objetos de pesquisa. Outra característica é que os pesquisadores pós-críticos têm preferência por não recorrer a explicações universais nem totalidades, completudes ou plenitudes. Trata-se de uma teoria que pensa nas incertezas, no inusitado e nos movimentos de desconstrução, pois cada sujeito é único e plural, tem sua história e um contexto social que o caracteriza.

É importante situar os Estudos Culturais (EC), os quais, fundamentalmente, baseiam-se nos estudos foucaultianos pós-estrutu-

ralistas e possibilitam percorrer os caminhos da problematização da cultura. Os alicerces desses estudos estão ancorados na noção de textualidade e na ampliação da centralidade da linguagem através da análise do discurso. Desde então, os EC têm colaborado para o estranhamento, o olhar duvidoso sobre os fenômenos e artefatos culturais, sobre nós mesmos e nossa busca por respostas para temas negligenciados.

Os pesquisadores de abordagem qualitativa opõem-se a um único modelo de pesquisa e a modelos quantificáveis para responder os objetos de estudos. No percurso das aulas da disciplina pude perceber as filosofias que estão por trás de cada teoria.

Descobri-me uma pesquisadora que pretende conhecer mais sobre os estudos pós-críticos, culturais por vários fatores. Um deles é que essas teorias são determinantes para conduzir análises e obter respostas mais aprofundadas para temas antes ignorados. O contraditório e o rigor devem existir na pesquisa qualitativa para que seja pensado com desconfiança o caráter homogeneizador tão comum e refém das lógicas totalizantes por entendermos que, nas pesquisas, existe uma relação intrínseca entre educação e cultura. Por conseguinte, é possível desconstruir noções pré-concebidas, o que permite uma compreensão holística na condução da pesquisa qualitativa. Dessa forma, essa abordagem de investigação oportuniza "dar voz" a temas negligenciados e questionar as naturalizações subjacentes.

Referências

DENZI, N. K.; LINCOLN, Y. S. (org.). **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.

Pesquisa qualitativa em Educação: uma jornada reflexiva e transformadora

Evyla da Silva Costa

Antes de entrar no Mestrado e principalmente antes de cursar a disciplina *Pesquisa em Educação*, do Programa de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Estadual do Maranhão (PPGE-UEMA), sob orientação do Prof. Dr. Jackson Ronie Sá da Silva, o meu entendimento a respeito da pesquisa qualitativa era limitado. Minha visão superficial foi aprofundada, pois a disciplina desconstruiu muitos dos paradigmas em que acreditava enquanto pesquisadora à medida que elevou os níveis de compreensão acerca do assunto.

De forma equivocada, acredita-se que há um distanciamento entre a Educação Básica (geralmente campo de pesquisa) e o Ensino Superior (promotor da pesquisa). Ressalto que esse fato ignora os motivos para a proposição da pesquisa e seu poder de transformação da realidade. Por isso reforçamos a necessidade da prudência tanto na fase de coleta como na interpretação dos dados de uma pesquisa, pois é fundamental reconhecer que os participantes são

seres humanos dotados de singularidades e de dignidade inalienável.

A sensibilidade ética permeia cada etapa do processo de pesquisa, exigindo uma abordagem cuidadosa para assegurar que as informações sejam obtidas e interpretadas de maneira justa e respeitosa. Entender a humanidade dos participantes vai além da mera observação, envolvendo a consideração de contextos culturais, sociais e individuais que constituem suas experiências. Portanto, a preservação da integridade e da dignidade desses sujeitos não deve ser apenas uma precaução, mas um princípio fundamental que norteia todo o empreendimento de pesquisa.

No âmbito da disciplina, dediquei-me ao estudo da obra de Miriam Goldenberg (2004), cujo impacto em meu entendimento foi significativo. Sua abordagem instigante proporcionou-me uma percepção mais profunda sobre a prática da pesquisa qualitativa, ressaltando a importância de buscar os dados de maneira meticulosa e de compreendê-los a partir da realidade do objeto de estudo.

Goldenberg (2004) enfatiza a necessidade de nos despir de quaisquer "pré-conceitos", referenciados por ela como *bias*, alertando-nos sobre a armadilha de projetar as nossas próprias estruturas e moldes sobre o objeto de estudo, sem considerar o rigor que é imperativamente essencial nesse processo. Assim, essa reflexão conduziu-me a uma apreciação mais profunda da complexidade envolvida na condução de pesquisa, incentivando-me a adotar uma abordagem mais sensível e criteriosa em minha prática acadêmica. Corroboro a sua tese de que, em geral, os pesquisadores omitem as suas dificuldades em seus relatórios de pesquisa, preferindo apresentar apenas o que deu certo.

A leitura sobre pesquisa qualitativa na obra de Miriam Goldenberg (2004) fez-me conseguir minimizar esse distanciamento por

meio do esclarecimento que a autora faz sobre o princípio da metodologia da triangulação de dados. De acordo com Goldenberg (2024), a triangulação de dados é um conjunto de diferentes pontos de vista e de maneiras de coletar e analisar os dados que permite uma ideia mais ampla e inteligível. Essa técnica abriu meus olhos para a compreensão de que os métodos qualitativos e quantitativos não podem ser percebidos como opostos, mas sim como abordagens complementares.

Antes de iniciar a coleta de dados, minha imersão no campo da pesquisa qualitativa gerou um processo reflexivo que suscitou uma série de questionamentos e estranhamentos em relação a alguns conceitos fundamentais. Essa fase prévia à investigação propriamente dita levou-me a refletir sobre a natureza de meu objeto de pesquisa, questionando a sua relevância e como eu, enquanto pesquisadora, estava me posicionando em relação a ele.

Esse momento de autoanálise revelou-se crucial para que eu pudesse compreender de maneira mais aprofundada não apenas os elementos teóricos e metodológicos envolvidos na pesquisa qualitativa, mas também para desenvolver uma consciência mais aguçada sobre o meu papel como investigadora, além da interconexão entre minha perspectiva e o objeto de estudo. Essa reflexão prévia desempenhou um papel fundamental no processo de pesquisa, capacitando-me para abordar a coleta de dados de maneira mais informada e sensível.

Tal estranhamento foi superado a partir da compreensão da necessidade de se ter clareza nas definições ao ter que conhecer e se apropriar das linhas de pensamento que guiam a análise do objeto de pesquisa. Essas linhas de pensamento são lentes para a análise e para a interpretação que dialoga com a intencionalidade do pesqui-

sador após ele se identificar assim, reconhecer-se dentro de sua escolha teórica para a compreensão do objeto de pesquisa (Sá-Silva, 2022).

Outro ponto que não posso deixar de expressar é que deve existir um discernimento na escolha de determinada linha de pensamento. Retomando o exemplo de minha experiência, eu poderia ater-me a um pensamento que questionasse a aprendizagem, mas as minhas inquietações buscaram entender como e por quais motivos tais situações impactavam a sociedade, os aspectos sociais e econômicos nos quais esses cenários são tecidos (Sá-Silva, 2022).

Essa distinção de intencionalidade é indispensável para avaliar a linha de pensamento que melhor convém ao investigador. Nesse sentido, o pesquisador desenha o seu próprio método de investigação segundo o campo de análise teórica desejado. A expressão "desenha" remete-me à criatividade, ao olhar que o pesquisador precisa ter em vários aspectos para a compreensão do objeto em todas as suas subjetividades, ainda que existam técnicas definidas e uma linha de pensamento para ser o guia teórico. Portanto, compreendi que estes são elementos fundamentais, mas que o ponto de partida é a intencionalidade do pesquisador.

Por isso, depois de eu ter cursado a disciplina *Pesquisa em Educação* e ter sido exposta aos conteúdos ali ensinados, passei a compreender, defender e realizar pesquisa qualitativa com cuidado teórico, metodológico e ético. Sobretudo no contexto educacional, no qual existe um cenário atravessado pela diversidade cultural brasileira e por fatores socioeconômicos, dentre outros aspectos de cunho subjetivo que carecem de uma análise mais direcionada e mais sensível para que se possa refletir, dialogando e compreendendo como esses fatores de certa forma influenciaram, influenciam e influenciarão o passado, o presente e o futuro. Apesar de defendermos a análi-

se, a mensuração e a busca por compreender uma realidade, ainda existe na academia um forte ímpeto por expressar dados apenas de forma numérica, reforçando o ideal de pesquisa quantitativa.

Vale ressaltar que é inegável a contribuição dos dados numéricos, todavia faz-se necessário um olhar mais amplo para aferir a origem de tais dados e como eles podem ser modificados. O contexto educacional busca o alcance de metas, tendo como base números e gráficos para medir a qualidade do ensino ofertado no país. Tal parâmetro é fértil para a pesquisa qualitativa, de tal forma que ela busca interpretar e intervir nos dados obtidos.

Alinhando todos os pontos levantados, comprometer-me com o exercício da pesquisa por meio da abordagem qualitativa me traz uma sensação de vigor e euforia. Essa postura transforma minhas lentes de mundo, despertando-me para o questionamento dos fenômenos que acontecem ao meu redor. Dessa maneira, devo despir-me dos pré-julgamentos e me permitir aprender e explorar algo além do que se percebe no superficial. Durante muito tempo a pesquisa acadêmica me trazia peso; eu acreditava ser algo monótono e padronizado, como se a metodologia científica fosse uma "receita de bolo".

A pesquisa remete à existência e às possibilidades de transformação; logo, a pesquisa qualitativa agrega à prática docente. Em sua sala de aula, o professor tem a sensibilidade de perceber e vivenciar a realidade da escola em que trabalha, entendo esse espaço como o seu campo de pesquisa e, nesse contexto, ao olhar para cada aluno, encontra a possibilidade de não apenas ensinar, mas de compreender quem é aquele estudante através de sua subjetividade e, a partir daí, desenvolver uma prática docente que potencialize aqueles alunos.

Minha perspectiva em relação à pesquisa qualitativa no âmbito educacional concentra-se na aspiração de superar as barreiras que, frequentemente, contribuem para o distanciamento entre a pesquisa, ancorada em teorias acadêmicas, e o campo de pesquisa, muitas vezes relegado a ele uma utilidade meramente instrumental na construção de textos. O meu enfoque busca transcender essa dicotomia, visando estabelecer uma ponte sólida entre a teoria e a prática dentro do contexto educacional.

Considero crucial que a pesquisa qualitativa não seja apenas um exercício acadêmico distante da realidade, mas sim uma ferramenta dinâmica e comprometida, capaz de informar, transformar e enriquecer a prática educacional de maneira significativa. Dessa forma, o meu compromisso reside não apenas na produção de conhecimento teórico, mas também na promoção de uma pesquisa que efetivamente contribua para a melhoria do cenário educacional, conectando-se de maneira autêntica e relevante com as necessidades e com os desafios presentes nesse campo profissional.

O meu encontro com a pesquisa qualitativa teve como cenário a busca por mais conhecimento acadêmico, visando a uma melhor contribuição na profissão que escolhi, pois acredito que, como educadora e pesquisadora, tenho a capacidade de construir uma ponte entre o conhecimento e o contexto em que ele acontece.

Referências

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2004.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie (org.). **Linhas de pensamento nas pesquisas em Educação**. Curitiba: CRV, 2022.

Espantos, indagações e alegrias no encontro com a pesquisa qualitativa

Marcioneide Gomes Costa Maciel

O contato mais direto e profundo com o(s) conceito(s) sobre pesquisa qualitativa provocam, antes de tudo, um espanto! Esse espanto ocorreu a partir da disciplina *Pesquisa em Educação*, do Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Maranhão (PPGE – UEMA), no qual faço parte da quinta turma. Quando pensava em universidades, em pós-graduações *stricto sensu* vinha à minha cabeça uma rigidez que hoje consigo descrever como resultado de um ordenamento pautado numa estrutura que moldava a universidade como um espaço de poucos e que distanciava as pessoas de seus espaços. Talvez a organização acadêmica pautada no método científico positivista tenha proporcionado essa façanha.

Ao me propor, em 2022, participar da seleção para a quinta turma do PPGE-UEMA, não imaginava que seria selecionada. O objetivo inicial era conhecer as etapas do processo e verificar até onde eu conseguiria ir, para que nos anos seguintes eu ajustasse os erros e

assim seguir para novas seleções e disputar em condições reais uma vaga. Ao conseguir, sozinha, escrever a primeira versão do projeto e este ter sido aceito na etapa de seleção já foi o primeiro espanto.

Os espantos serviam como reflexo para a autoconfiança. Sim, eu era capaz! Essa mensagem de esperança enchia meu coração de alegria. A menina que nasceu no interior da Baixada Maranhense[1] estava sendo selecionada para um Mestrado. Quanta coisa isso dizia! Fui a primeira dos primos do lado materno a concluir uma graduação e de novo eu estava dizendo que era possível seguir uma carreira acadêmica. Seguindo a sequência dos espantos... enfim, chegou o dia da defesa oral do projeto. Nem sei como consegui caminhar da sala de espera até a sala da defesa. Era estranho pensar que eu estava ali, pois nem acreditava que seria selecionada nas primeiras etapas.

É preciso destacar duas coisas desse dia. Primeiro, como eram acolhedoras as pessoas que esperavam comigo no momento da defesa. Hoje são meus colegas de turma. Conheci nesse dia os nove colegas que estariam compondo a linha de pesquisa Gestão Escolar e Educacional da quinta turma do PPGE. Segundo, como eram gentis as professoras da banca. Achei bem estranho percebê-las como pessoas comuns. Ao abrir a porta da sala da defesa, elas sorriram, deram as boas-vindas. Essa cena tranquilizou-me, e apresentei o projeto. Elas fizeram algumas perguntas, respondi, mas não gostei da minha apresentação; estava muito insegura. Mas fui classificada em mais uma etapa. Na etapa da prova escrita, que aconteceu antes da

[1] É uma imensa planície inundada no norte do estado do Maranhão. A região representa o maior conjunto de bacias lacustres do Nordeste. Abrange vinte e um municípios do Maranhão: Anajatuba, Arari, Bela Vista do Maranhão, Cajari, Conceição do Lago-Açu, Igarapé do Meio, Matinha, Monção, Olinda Nova do Maranhão, Palmeirândia, Pedro do Rosário, Penalva, Peri Mirim, Pinheiro, Presidente Sarney, Santa Helena, São Bento, São João Batista, São Vicente Ferrer, Viana e Vitória do Mearim.

apresentação oral do projeto, registrei em meu coração o desejo de ser aluna daquela professora que me entrevistou. Não a conhecia, mas torci para que fosse sua aluna.

Como imaginar uma pesquisa acadêmica sem considerar a metrificação, a generalidade e a universalização dos postulados da abordagem quantitativa? Como apresentar informações sem dados estatísticos? Sim, era somente assim que eu pensava ser possível fazer pesquisa científica. Mas sofri, ou melhor, sofremos uma desconstrução (ou desmonte, como gosto de chamar) para que fôssemos reconstruídos (remontados) epistemologicamente a partir das bases da pesquisa qualitativa em Educação.

Ouvia o professor Jackson Ronie Sá da Silva falando durante as primeiras 30 (trinta) horas da disciplina *Pesquisa em Educação* sobre as bases conceituais da pesquisa qualitativa e sentia um acolhimento teórico. É como se ele dialogasse com as inquietudes que eu carregava como bagagem de vida. Um planejamento didático e conceitual que permitia vivermos desarranjos teóricos tradicionais ao mesmo tempo em que eram consolidadas inúmeras possibilidades de análises de dados de pesquisa em Educação a partir de um "desmonte epistêmico", como dizia o professor. Conforme descreve Goldenberg (1997), a pesquisa qualitativa, visibilizada pela Escola de Chicago, demostra que é possível fazer ciência fora do enquadramento das ciências naturais. É preciso ter rigor epistêmico sem perder a criatividade, a leveza, o sabor e a poesia no trabalho acadêmico.

As leituras propostas na disciplina *Pesquisa em Educação* possibilitaram a reflexão sobre como alguns estigmas foram produzidos e reproduzidos, o que causava a sensação de que a produção científica deveria ser feita por poucos: os eleitos! Esse estigma muitas vezes fez com que me sentisse incapaz de escrever uma dissertação. Mas

as leituras e a postura do professor Jackson Ronie Sá da Silva deixaram-me encorajada para confiar na minha capacidade, agora reeditada, de escrever cientificamente com o rigor que as pesquisas qualitativas exigem.

Foram tantos espantos, que sofri uma virada epistemológica. Mudei meu objeto de pesquisa e segui segura sobre o que desejava pesquisar desde então. Eram tantas lentes apresentadas, tantas possibilidades de explicação para um fenômeno, tantas experiências que poderiam ser pesquisadas, que não dava para manter o objeto de pesquisa pensado antes do contato com a riqueza e profundidade da pesquisa qualitativa.

Apesar de encontrar bases sólidas sobre como fazer pesquisa científica a partir de uma abordagem qualitativa, ficou claro, também, que não há uma única forma de ver o fenômeno, e adicionar técnicas investigativas, lentes e perspectivas da abordagem quantitativa pode enriquecer muito a pesquisa. O que irá definir a união, intersecção ou isolamento das abordagens é o problema que se quer pesquisar.

Desde que a Escola de Chicago demonstrou que era possível apresentar dados científicos sem a preocupação da quantidade de pessoas a serem pesquisadas, foi possível investigar um indivíduo a partir de seus registros pessoais, biografias, diários e percepções como fontes da carga simbólica do meio social no qual estava inserido.

A pesquisa qualitativa enfatiza o rigor e a profundidade com que o pesquisador deve analisar o objeto. Além de esclarecer que não há pesquisa totalmente parcial, o próprio pesquisador é objeto e sujeito de sua pesquisa, uma vez que pesquisa aquilo do qual fazem parte e/ou valoriza. Abrindo espaço para que aquele que vive o fenômeno possa ser a principal voz a ser ouvida em uma pesquisa.

Com os espantos que vivi no tocante à pesquisa qualitativa, ganhei coragem, esperança e voz. A própria história da pesquisa qualitativa permitiu que muitas vozes fossem ouvidas, que situações concretas pudessem ser lidas a partir das vozes dos que viveram. As vozes silenciadas por uma estrutura de marginalização encontram espaço nas pesquisas sociais e demonstram a urgência das pesquisas em Educação buscarem uma análise mais profunda dos fenômenos "incomuns" que abrem os portões de entrada dos espaços sociais. Essa análise, vista pelas lentes da pesquisa qualitativa, pode permitir uma leitura do mundo com mais atenção ao universo socio-histórico no qual os indivíduos estão inseridos e evitar mais casos de marginalização.

Fazer pesquisa qualitativa significa lançar mão de muita teoria, método e criatividade. É como rendar num ateliê de renda de bilro, no qual o colorido das linhas e o trançar permitissem desenhar uma realidade que só pode ser apreendida, embora sem totalidade, num espaço não convencional, mas cheio de novas rendas a serem apreciadas.

Referência

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Record, 1997.

Pesquisa qualitativa, uma experiência: descobertas, desajustes e ajustes

Mailson Ferreira Rodrigues

O ingresso em um Programa de Mestrado em Educação é um universo de sensações: a conquista, a evolução acadêmica e profissional, o descortinar de um rio cada vez mais profundo no que se refere ao conhecimento científico – aliás, o aprofundamento em determinada área/tema faz parte da natureza do Mestrado, uma vez que esse nível de educação constitui-se como uma modalidade *stricto sensu,* expressão que, traduzida de sua língua original para o português, significa *senso estrito*, isto é, entendimento, percepção, sentido estrito, específico, delimitado (esse aspecto é central no desenvolvimento do assunto do presente texto), dentre tantas outras vivências.

Como referido no título, as páginas seguintes destinam-se à apresentação de uma experiência com a pesquisa qualitativa, e esta se concretizou no âmbito do Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Maranhão (PPGE-UEMA), razão pela qual o parágrafo anterior brevemente se debruçou em descrever o significado do acesso a um Mestrado.

Quando, inicialmente, se enfatizou que o Mestrado como modalidade *stricto sensu* da Educação seria um aspecto central na abordagem da temática analisada neste artigo, quis-se despertar a atenção do leitor para a natureza da pesquisa qualitativa, a qual encontra perfeitamente ressonância nessa necessidade de aprofundamento própria do Mestrado.

Antes de qualquer coisa, a pesquisa qualitativa, que é a tônica deste texto, é pesquisa. Isso mesmo! E a pesquisa é uma ferramenta do mundo acadêmico e científico. Ela é necessária no avanço da ciência como um fim mais amplo, mas também é útil nos corredores das universidades na luta de inúmeros acadêmicos por suas titulações, seja em forma de TCC, monografia, dissertação, tese, etc., não deixando de servir ao desenvolvimento da ciência por essa razão mais prática.

A pesquisa é também um processo sistemático baseado em métodos científicos para solucionar um problema ou discutir um tema. Dito isso, a pesquisa qualitativa é um dos métodos de pesquisa científica que possui como característica principal buscar compreender a essência das coisas. Uma pesquisa qualitativa, por exemplo, não se contentará meramente em constatar o número de professores que não possuem o nível de mestre em determinada rede municipal de ensino, mas quais circunstâncias envolvem esse fato e podem elucidá-lo de maneira profunda. O que poderá ter levado esses docentes a permanecer com apenas o curso superior como grau de formação? Que dificuldades se apresentam na continuidade de suas trajetórias acadêmicas?

Em suas incursões autoformativas, um estudante universitário poderá empreender sistematizar o conhecimento a respeito da pesquisa científica na tentativa de construir seu projeto de pesquisa

e encontrará classificações dos tipos de pesquisa quanto a procedimentos, objetivos, natureza e à abordagem, que é onde se situa a pesquisa qualitativa, pois esta é uma forma de tratar os dados de que se dispõe para a investigação de um tema ou para a solução de um problema.

A pesquisa qualitativa é uma abordagem, ou seja, é uma maneira de compreender os dados que se tem em mãos. Ela é uma forma de perceber a realidade do fenômeno pesquisado, voltada para o estudo das pessoas, considerando objetos ditos *não mensuráveis* como sentimentos, opiniões, a interação do ser humano com o ambiente e com os outros.

Há, no mundo acadêmico, um conflito de considerável tempo já entre a abordagem de pesquisa qualitativa e a quantitativa. De um lado, os *interpretacionistas*, como são chamados os pesquisadores adeptos do método qualitativo, defendem que o ser humano não se comporta previsivelmente e, por tal razão, necessita de um método de estudo adequado a essa peculiaridade.

Na outra margem, os pesquisadores adeptos do método quantitativo, o qual se embasa em dados matemáticos e relações de causa e efeito, afirmam que o método qualitativo carece de precisão e se trata de uma abordagem demasiadamente subjetiva.

Há, porém, uma percepção, ainda em desenvolvimento, em minha percepção mais acertada, que advoga a tese de que pesquisa qualitativa e pesquisa quantitativa são complementares e que a pesquisa qualitativa pode tornar uma pesquisa quantitativa mais completa, no sentido de que revela as razões subjacentes aos números frios, dando sentido a eles.

Uma pesquisa que tenha como objetivo investigar a quantidade de diabéticos que sofrem amputação de membros inferiores

em uma cidade terá muito mais utilidade se investigadas as causas que levam a essa infeliz situação do que meramente enumerar aqueles que sofreram amputação por um ferimento infeccionado e aqueles que chegaram a perder um membro por ferimento não tratado a tempo.

Investigar se os indivíduos que sofreram perda de membros são idosos ou não; em caso de serem idosos, se estão sob seus próprios cuidados ou têm rede apoio; se os níveis de glicemia estavam alterados na ocasião, mas especialmente qual a condição social dessas pessoas e o acesso econômico delas a uma alimentação adequada; se há resistência do próprio indivíduo a manter uma dieta adequada e que pensamentos o levam a essa atitude, etc.; toda essa conjuntura de fatores aprofunda e pode explicar individualmente as razões do processo em questão.

Adentrando mais na seara da pesquisa qualitativa, de acordo com Bogdan e Biklen (1982), são características desse método: o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento; dados predominantemente descritivos; maior preocupação com o processo do que com o produto; foco de atenção especial do pesquisador no significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida; tendência a seguir um processo indutivo na análise dos dados. Assim, a pesquisa qualitativa tem ganhado cada vez mais espaço na área da Educação devido às características elencadas no parágrafo anterior, uma vez que a Educação é um ato dinâmico, resultado de compreensões distintas de mundo, que levam a objetivos também diversos, mas que, mais importante do que isso, envolve atores humanos.

A pesquisa qualitativa não parte de um modelo previsto para o resultado da investigação. Suas previsões podem mudar, e o pes-

quisador precisa estar atento a essa possibilidade. No entanto, isso não a configura como um "tiro no escuro", sem direção, mas apenas que seu objeto é autônomo e independente, interage e decide sobre as circunstâncias e o meio.

Dentre as técnicas de pesquisa qualitativa, entre as quais se pode elencar a entrevista, o grupo focal, o estudo de caso e a etnografia, por exemplo, numa entrevista, à medida que avança nas perguntas com o entrevistado, o pesquisador pode ter *insights* diferentes e importantes questões podem apresentar-se, mudando o roteiro previamente estabelecido, sem, no entanto, perder o rigor científico nem descaracterizar a sistematização do conhecimento.

Finalmente, a impressão causada pela descoberta da pesquisa qualitativa na disciplina *Pesquisa em Educação* no primeiro semestre do Mestrado Profissional em Educação do Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual do Maranhão, turma 2023, por este que escreve as presentes páginas foi, inicialmente, a de um elemento instável, complexo e até mesmo desnorteado em vista de uma mentalidade estruturalista prévia, que insistia em controlar o objeto de estudo. Porém, à medida que se avançou nos conceitos e técnicas desse método, foi se evidenciando a importância do maior enfoque processual conferido pela pesquisa qualitativa, isto é, o destaque dado ao processo e não ao resultado na pesquisa em Educação.

Os resultados da pesquisa em Educação sob o olhar qualitativo são mais profundos e atentos ao indivíduo, à compreensão de fatores subjacentes que determinam ações, mas que, por não se apresentarem na superfície da quantificação, ficam relegados. A necessidade de enquadrar em grupos e padrões os dados para a compreensão das atitudes dos seres humanos gera uma inquietação ao se deparar com uma pesquisa que busca desvelar as diferenças e essências

individuais, porém, essa percepção mostra profundamente como alcançar objetivos mais plenos na realização pessoal no que concerne à Educação.

Referência

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em Educação:** uma introdução à teoria e aos métodos. Porto, Portugal: Porto Editora, 1994.

Pesquisa qualitativa: (des)construindo, (trans)formando, (eu)pesquisando

Luciana Mesquita Nunes Santos Nascimento

O mais importante e bonito do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas - mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam.

(Guimarães Rosa)

Costumo dizer que, assim como gira o mundo, giram as pessoas; afinal, estamos em constante movimento e evolução. Nunca estamos iguais e nem terminados. Apreender a complexidade das pessoas e dos fatos sociais exige de nós a prática do olhar sensível, aguçado, que consiga enxergar além do que as nossas lentes nos permitem ver.

Se a ciência é construída por mim e por você e os fatos sociais são nossas fontes inesgotáveis de investigação, é necessário (des)construir olhares, já que nos localizamos em um espaço-tempo intrincado e contradidório. Destarte percebo o "ato de pesquisar": um exercício desarraigado de padrões outrora estabelecidos, os quais não mais cabem no atual movimento de pesquisa educacional, que atenta para as subjetividades do ensino e da aprendizagem.

Arrisco-me a conjeturar que, em sua grande maioria, a escolha dos objetos de pesquisa surge da inquietação vivenciada pelo pesquisador em seu contexto de atuação; logo, este está diretamente ligado a seu itinerário profissional e acadêmico, adquirindo sentido e significado no ato de pesquisar.

Mas eis que surgem algumas indagações, como por exemplo: como posso desenvolver pesquisa sem que esta seja apenas história esvaziada de sentidos? Como fazê-la tornar-se válida e representativa sem deixar sucumbir ao fascínio da ação[1] enquanto pesquisador? Nossa capacidade de "afinar ou desafinar"[2] está diretamente relacionada à rota que devemos seguir para desenvolver pesquisa qualitativa? Como conduzir o processo de investigação e, ao mesmo tempo, conseguir "ler" o contexto sem perder o rigor científico?

Minha intenção com as reflexões e as proposições levantadas é trazer uma discussão em torno dos estudos e dos conceitos que fundamentam o campo da investigação educacional, tendo em vista

[1] A expressão "fascínio da ação" corrobora o pensamento de André (2001, p. 7) quando ele afirma que o pesquisador precisa manter o "equilíbrio entre a ação e a investigação, pois o risco de sucumbir ao fascínio da ação é sempre muito grande, deixando para o segundo plano a busca do rigor que qualquer tipo de pesquisa requer".

[2] Guimarães Rosa utiliza esses dois verbos opostos de forma poética em sua obra *Grande sertão veredas* (1956) como forma de demonstrar as transformações, contradições, mudanças que movem o mundo e as pessoas.

as vivências até aqui experienciadas. Dessa forma, abordarei a partir de minhas "pesquisagens"[3] características, conceitos (re)construídos e (re)aprendidos acerca da pesquisa qualitativa, comprometendo-me a expor ideias não lineares sobre o fazer ciência.

A pesquisa qualitativa tem desempenhado um papel fundamental no campo educacional, uma vez que, ao ser desenvolvida, coloca o pesquisador em contato direto com o ambiente natural.[4] Essa metodologia explora, em sua essência, a profundidade e a riqueza das experiências e das trocas humanas, ao passo que também possibilita ao pesquisador descrever de forma minuciosa os dados recolhidos.

As palavras ocupam espaço e passam a ganhar sentido, e nenhum dado é somente quantificado. A objetividade rígida – aspecto latente da pesquisa quantitativa e por muito tempo legitimada como forte característica na análise e na coleta de dados – abre espaço para o subjetivo como meio para interpretar e analisar as experiências dos fatos sociais.

A pesquisa – reconhecida como um processo permanentemente inacabado, especialmente no campo das ciências sociais – preocupa-se com as narrativas, contextos e significados, pois permite ao investigador ouvir, dialogar com os sujeitos, levando em conta as suas próprias perspectivas. Outro aspecto que merece a nossa atenção é que a pesquisa qualitativa busca compreender o processo e não se prende ao desejo de encontrar evidências e hipóteses para perguntas previamente delineadas.

---

[3] O neologismo "pesquisagens" foi retirado do livro *Linhas de pensamento nas pesquisas em Educação* (2022), organizado pelo professor Jackson Ronie Sá-Silva.

[4] Denominação utilizado por Bogdan e Biklen (1994, p.46) para salientar que o ambiente natural na pesquisa qualitativa constitui a fonte direta de dados do pesquisador.

Esse tipo de abordagem não procura evitar distorções na análise dos dados para garantir uma margem de segurança nos resultados esperados. Ao contrário, compartilhamos o entendimento de que a pesquisa qualitativa se desenvolve à medida que é conduzida, assemelhando-se a uma escultura que é moldada e permite-se ser remodelada, caso necessário.

Das definições até aqui elencadas, destacamos a importância de desenvolver o rigor para maior controle das *bias*[5], visto que em pesquisa qualitativa não objetivamos generalizar os dados e tampouco nos deter na profundidade dos números e das variáveis. Os dados são densos e complexos porque advêm dos fatos inegáveis[6] que protegem a escrita e a pesquisa; logo, eles são construídos pelo pesquisador de forma indutiva, explorando a análise profunda da riqueza da experiência humana.

O processo de pesquisa sobre o viés da abordagem qualitativa é dinâmico e não admite o uso das lentes da ciência quantificada, pois se propõe a analisar o fenômeno em suas múltiplas dimensões. Portanto, os instrumentos de coleta de dados – como a análise dos documentos, a observação participante, a entrevista semiestruturada – concebem a participação dos sujeitos como elemento do fazer científico.[7]

A observação proporciona o contato direto do pesquisador com o fenômeno, isto é, apreendemos com maior proximidade a

[5] *Bias* é um conceito oriundo de *A Arte de Pesquisar*, de Goldenberg (2020). Essa palavra remete ao conceito de parcialidade, viés que pode interferir na atuação do pesquisador e, consequentemente, nos resultados da pesquisa.

[6] Bogdan e Biklen (1994, p. 149) fazem uso dessa expressão para afirmar que os dados, quando cuidadosamente coligidos, são simultaneamente as provas e as pistas, ou seja, são fatos inegáveis que protegem a escrita de uma possível especulação não fundamentada.

[7] Consultar *Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação* (Triviños, 1987).

visão de mundo destes, ou daquilo que se pretende pesquisar. A entrevista viabiliza atingir o estágio máximo de interação entre o pesquisador e o pesquisado, e à proporção que essa troca evolui, as percepções podem ficar mais claras, profundas e autênticas.

A não padronização desse instrumento é um fator fundamental para que se alcance esse tipo de diálogo. Os documentos permitem uma comparação completa e factual dos dados colhidos e – quando combinados com entrevista, documentação, observação por meio da técnica da triangulação dos dados – garantem a máxima amplitude na descrição, explicação e compreensão do foco em estudo.[8]

Numa concepção bardiniana[9], a pesquisa no campo educacional oferece ao pesquisador a interpretação das relações humanas enquanto elas acontecem, sem que ele tenha que se preocupar com a mecanicidade. Ao captar as mensagens, os olhares, as posições, os gestos, o silêncio dos protagonistas sociais[10], é possível ultrapassar a incerteza e enriquecer a leitura[11] sobre o que se pretende pesquisar. Nesse sentido, se detivermos o nosso olhar sobre todas as mensagens coletadas – sejam elas verbais ou não verbais, com base na coerência, consistência, originalidade[12] –, os dados pesquisados alcançarão a máxima do valor científico nas ciências sociais.

Notadamente, a pesquisa qualitativa tem encontrado espaço e valor dentro do mundo da ciência, pois coloca os fenômenos soci-

[8] Consultar *Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação* (Triviños, 1987).

[9] O termo "bardiniana" refere-se à análise de conteúdo sob o viés da análise de Bardin.

[10] Bardin (1997, p. 28) define, em sua obra *Análise de Conteúdo*, os sujeitos da pesquisa como protagonistas sociais.

[11] A frase "ultrapassar a incerteza e enriquecimento da leitura" foi elencada de maneira geral por Bardin (1997, p. 28) como os objetivos do método análise de conteúdo.

[12] Triviños (1987, p. 170) em *Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em Educação*.

ais no patamar de um universo cheio de significados e que jamais poderão ser reduzidos a variáveis. A sua relevância está no fato de essa metodologia propiciar a visualização dos movimentos, das transformações, das contradições que se dão no âmbito das relações sociais, já que elas consideram o meu, o teu, o nosso olhar. Finalizo, então, assegurando-me a continuar evoluindo, (des)construindo, (trans)formando e pesquisando. Afinal, somos seres nunca terminados.

Referências

ANDRÉ, M. Pesquisa em educação: buscando rigor e qualidade. **Cadernos de Pesquisa**, p. 51-64, 2001. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0100-15742001000200003. Acesso em: 22 set. 2023.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigações qualitativas em Educação**. Porto, Portugal: Porto Editora, 1994.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 2020.

GUIMARÃES ROSA, J. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

ROSA, J. G. **Grande sertão veredas**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1956.

SÁ-SILVA, J. R. (org.). **Linhas de pensamento nas pesquisas em Educação**. Curitiba: CRV, 2022.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em Educação. São Paulo: Atlas, 1987.

Para além da superfície: uma abordagem da essência

Kamilla Magalhães Canuto

A sensação de buscar por explicações e entendimentos diante das experiências vividas pelas pessoas de forma profunda é como estar imerso na epistemologia dinâmica das informações, ou seja, estar interessada na dimensão das descobertas por meio dos conhecimentos. Essa sensação compara-se a uma premiação ou uma promoção de cargo ofertada à pessoa que possui um bom rendimento pessoal. Assim, à medida que busco por explicações diante do fenômeno da pesquisa, avanço nas perspectivas que causam dúvidas e inquietações, substituindo-as por uma boa sensação de descobertas.

Inicialmente, comecei a me envolver no universo da pesquisa a partir da graduação, em que cursei Pedagogia na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), tendo interesse no campo de conhecimento do Transtorno do Espectro Autista (TEA). Com o componente curricular de Educação Inclusiva comecei a construir ideias e referenciais teóricos que contribuíram para esse meu interesse inicial. Além desses referenciais, busquei por filmes que apresentavam conteúdo, tendo pessoas autistas como protagonistas no enredo da história. Dessa forma, essa pesquisa repercutiu até chegar no desen-

volvimento do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), em que coloquei a discussão sobre a legislação e a política na inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista, fazendo uma reflexão sobre a Lei de nº 12.764/2012 e as diretrizes estabelecidas na Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva de 2008. Essa pesquisa brilhou em meus olhos e nos olhares de todos os educadores que buscavam entender as particularidades do Espectro Autista.

Desde o início de minha carreira acadêmica, abracei a pesquisa qualitativa, buscando informações que pudessem descrever o conteúdo estudado. O conhecimento obtido por meio dessa abordagem de pesquisa desenvolveu-se nas feições de acontecimentos sociais e comportamentos humanos com objetos de estudo que ocorrem em determinado tempo e apresentam relevância atual.

Após a conclusão da graduação, iniciei um novo ciclo como professora na Educação Infantil e desenvolvi interesse nas metodologias e procedimentos específicos dessa área, bem como nos saberes experienciais necessários para o desenvolvimento das crianças. Percebi que havia formações mensais organizadas pela Secretaria de Educação, oferecidas gratuitamente a todos os docentes da Educação Básica, incluindo a Educação Infantil. Assim, iniciei uma nova pesquisa, abraçando mais uma vez a abordagem qualitativa na construção epistemológica.

Nesse sentido, falar de pesquisa qualitativa é entrar em uma abordagem de investigação que explora aspectos particulares de fatos e comportamentos humanos, incluindo uma gama de significados que correspondem ao âmbito dessas relações. Aqui não há a preocupação com representações numéricas, mas a representação dos resultados por meio de relatórios. Isso chama minha atenção diante

da amplitude desse estudo, permitindo que as palavras descritivas tenham destaque e espaço no contexto da pesquisa.

Observo na pesquisa qualitativa que devemos, inicialmente, acreditar naquilo que estamos interessados em pesquisar e pensar de determinada maneira com análises pessoais e interação com os participantes. Dessa forma, a dinamicidade da pesquisa vai se construindo e ganhando forma até chegar na etapa contemplativa, percebida por mim ao longo das leituras realizadas sobre a pesquisa qualitativa, subdivididas em quatro aspectos lógicos: Percepção, Maturação, Correção e Avaliação.

• **Percepção** – perceber o impacto que o fenômeno da linha de pesquisa escolhida provocará no âmbito social.

• **Maturação** – Reconhecer os pontos referenciais da pesquisa que precisam ser reconstruídos e alinhados a seu objetivo.

• **Correção** – Alterar as informações descritivas, quando necessário, para evitar desvios do foco da pesquisa.

• **Avaliação** – Quando a pesquisa se encontra alinhada aos aspectos descritivos dos objetivos, respondendo às questões norteadoras e preservando o seu foco.

Seguindo esses quatro aspectos na pesquisa, a fluidez da estrutura acadêmica torna-se alinhada às perspectivas dos objetivos. Incluindo também a curiosidade inicial, que motivou a me debruçar em águas mais profundas, de tal modo que uma simples tábua rasa torna-se uma aventura epistemológica. Digo isso porque o conhecimento define a pessoa, e na pesquisa qualitativa pude perceber essa significância, que não exige quantificação ou estatísticas, e sim valores e relações humanas.

Outro ponto que merece destaque é o foco na interpretação dos dados, sua flexibilidade e o interesse do pesquisador no processo

da pesquisa. Resumidamente, essa interação presente diretamente na pesquisa contribui para os seus resultados de grande relevância social, pois faz com que as pessoas participem da pesquisa, destacando suas opiniões, com o intuito do pesquisador entender as suas motivações e emoções. Por isso, a pesquisa qualitativa é muito vislumbrada no meio acadêmico; digo isso não desprezando os outros tipos de pesquisa, mas atribuindo que cada abordagem de pesquisa possui uma essência específica de estudo.

Por outro lado, apesar da pesquisa qualitativa contribuir no desenvolvimento das pesquisas, ela possui uma limitação epistêmica relacionada aos fatores estatísticos e matemáticos que não são privilegiados em sua lógica universalizante. Nessa abordagem de pesquisa não há dados que precisam ser verificados numericamente, quantificados ou exigem processos equacionais para obter um resultado de uma pesquisa dedutiva, como é desenvolvido na pesquisa quantitativa. Aqui, a pesquisa é vivenciada pelo pesquisador, integrando um pequeno número de participantes com a intenção de ouvi-los e compreendê-los, apresentando um conjunto de exercícios interpretativos.

Tenho uma certa "afetividade" ao utilizar a abordagem qualitativa em minhas pesquisas. O rigor presente nesta pesquisa, que define o sujeito e objeto de estudo, é ponto essencial para a montagem e desmontagem da pesquisa, sem desprezar a pesquisa participativa, em que os dados e o contexto devem estar interligados. Sendo assim, é importante nessa abordagem assumir uma posição crítica, não operar com a neutralidade e não generalizar. Seguindo esse rigor epistemológico, percebem-se os procedimentos técnicos dessa pesquisa, em que se apresentam especificidades próprias juntamente com método e concepções que contribuem na dinamicidade do conhecimento.

Por conseguinte, vários autores também utilizam e defendem a pesquisa qualitativa, satisfazendo-se com a flexibilidade que essa abordagem proporciona. Com foco na subjetividade e nos detalhes busca-se aprofundamento referencial diante do conteúdo pesquisado, rejeitando qualquer superficialidade de pesquisa. Nesse sentido, diante do conteúdo atual que estou pesquisando, encontro-me confiante utilizando a pesquisa qualitativa no desenvolvimento de meu trabalho sobre a formação continuada dos docentes. Assim, sua importância no âmbito acadêmico deve ser prestigiada, seja na graduação, pós-graduação, mestrado ou doutorado, haja vista que apresenta importância significativa nas perspectivas do aprimoramento de um novo conteúdo.

Destarte, falar de formação de professores em uma pesquisa qualitativa é designar por conhecimentos constantes no trabalho pedagógico e, consequentemente, valorização do conhecimento docente.

Experiências em pesquisa qualitativa no campo da Educação

Dilamar Viana da Silva

Ao longo de meu percurso em direção ao título de mestra em Educação, que iniciou já na pré-definição de meu objeto de pesquisa – a formação de professores alfabetizadores –, eu ainda não sabia o que queria, mas tinha clareza sobre o que não queria. Eu sabia que não queria um objeto de pesquisa cuja abordagem me levasse por caminhos de descobertas quantificáveis, com as quais precisaria trabalhar a partir de dados estatísticos na descrição e na explicação desse objeto. Minha intenção era usar uma abordagem que proporcionasse resultados provenientes do contato com a subjetividade do outro e que se desvelasse num processo interativo. Contudo, eu ainda precisava descobrir esse caminho. E essa descoberta presentificou-se a partir das muitas e significativas leituras que fiz no processo de minha escrita acadêmica.

Durante a elaboração do anteprojeto de pesquisa, o meu conhecimento sobre o conceito e o universo da pesquisa qualitativa era insípido. Hoje, arrisco-me a dizer que já sei um pouquinho mais sobre o assunto, graças ao contato com a disciplina *Pesquisa em Educação*, ministrada pelo professor Jackson Ronie Sá da Silva. Nela,

esse universo foi sendo revelado e ampliado em meio às suas mediações e interpelações, delineadas por uma didática, assim dizendo, humanizada.

Gosto de pensar no termo *humanizado* porque me faz entender que, por mais difícil que tanto um objeto de estudo como os caminhos que nos levam a seu aprofundamento pareçam, se no percurso encontrarmos pessoas dispostas a nos ajudar, considerando quem somos e a realidade na qual estamos inseridos, essas pessoas fazem com que o itinerário da pesquisa torne-se mais fácil e prazeroso. Para mim, a pesquisa qualitativa passa por isso: pelo diálogo e pela compreensão da pessoa que sou, enquanto sujeito pesquisador, e também pelos sujeitos que compõem a minha pesquisa. Falar sobre o processo formativo de professores alfabetizadores faz-me pensar o quanto é importante enxergar as diferentes realidades que formam esses sujeitos, assim como as suas experiências, inquietações e desafios, uma vez que as suas respostas passam por isso.

Como já citado, para mim, o desdobramento dos conceitos e dos caminhos que a pesquisa qualitativa oferece aconteceu nas aulas do professor Jackson Ronie Sá da Silva e, claro, nas inúmeras leituras que faço. Foi igualmente importante o espaço de diálogo interativo criado com a minha turma de Mestrado, por meio da motivação de nosso professor de *Pesquisa em Educação*. Cada vez que alguém se pronunciava dando o seu entendimento a respeito da pesquisa qualitativa, sinalizando os seus anseios e receios a partir das leituras realizadas e das releituras feitas em sala, essa troca tornava-se uma contribuição para melhor entendimento do assunto. Assim, percebi que para a tessitura do conhecimento a bagagem informacional e de vivências que o outro traz também é relevante.

Nesse caminho, e em contato com a pesquisa qualitativa, na construção e desenvolvimento de minha pesquisa científica, reto-

mo ainda as primeiras impressões que tive do trabalho desenvolvido pela renomada *Escola de Chicago*[1]. Ao ler a respeito – e precisei ler para entender a abordagem em pauta –, fiquei impressionada com as contribuições a esse campo epistêmico dadas por essa escola. Identifiquei-me com aquilo que Herbert Blumer[2] intitulou como sendo "interacionismo simbólico", isto é, uma ênfase da interrelação estreita que há entre sociedade e sujeito. Nesse "interacionismo simbólico", a sociedade é concebida como um processo no qual o aspecto subjetivo do comportamento humano é importante. Às vezes, fico a refletir sobre o meu interesse em querer saber da subjetividade do outro, uma vez que são tão subjetivas as impressões históricas de cada ser ou de cada sujeito da pesquisa. O certo é que tomar conhecimento dessa perspectiva fortaleceu em mim o desejo por trabalhar com a pesquisa qualitativa. Saber que esse tipo de abordagem enxerga a realidade empírica dos sujeitos da pesquisa e que em seu procedimento sugere a observação, o trabalho de campo, a entrevista, o uso da história de vida, das cartas e dos documentos públicos despertaram em mim um grande fascínio por esse universo.

Alguns termos, próprios dessa abordagem e da própria vida de um pesquisador, foram sendo descobertos e ficando em mim, como é o caso do termo "rigor epistemológico". Ainda recordo a forma como essa expressão foi pronunciada pelo professor Jackson Ronie Sá da Silva: de maneira apaixonante e cheia de conhecimento, que me levou a buscar, ainda mais, o seu significado e sentido.

[1] Movimento acadêmico-científico, de caráter pragmatista, que abrangeu, em grande parte, disciplinas das áreas de Ciências Humanas e sociais no decorrer do século XX. A Escola de Chicago tem como principal característica a iniciativa de pesquisas voltadas à solução de problemas sociais.

[2] Herbert Blumer (1900-1987) foi um sociólogo norte-americano responsável por desenvolver a teoria interacionista simbólica.

Naquele momento, percebi a importância do cuidado que todo pesquisador precisa ter com o universo de sua pesquisa. Um outro termo que ouvi, e sempre busco pensar sobre a sua importância, é "vigilância epistemológica", que trata da reflexão da pesquisa em si mesma como condição de existência. Ela diz respeito à vigilância que se deve ter com os dados, as análises, as escolhas, verificando se há coerência entre eles e a proposta de estudo. Trilhar os caminhos da pesquisa qualitativa e do trabalho como pesquisadora faz-me tomar nota novamente dessas expressões e, mais uma vez, meditar sobre a sua relevância.

Lembro-me como se fosse hoje da seguinte fala de um dos professores na aula inaugural do Mestrado: "rigor e ética comprovam o trabalho científico". Isso deve passar pelo campo da vigilância epistemológica. Então entendo ainda mais o quanto o eu, o outro e todo o universo que envolve a pesquisa qualitativa são instrumentos que devem ser vistos com seriedade no decorrer do trabalho, para que a investigação contribua com a produção do conhecimento de outros sujeitos. Minha relação com a pesquisa qualitativa tem se dado em meio a todas essas questões voltadas para as ciências humanas, área pela qual sempre tive grande interesse.

Ainda sobre a pesquisa qualitativa e minha experiência com a utilização dessa abordagem, destaco também a importância e a relação com a escrita, elemento relevante no processo de construção do saber e no próprio desenvolvimento da pesquisa qualitativa. Nela a escrita constitui um lugar fundamental, tanto para a obtenção dos dados como para a exploração e a organização deles. Eu sempre gostei de escrever, sempre cultivei o hábito da escrita, seja pela exigência da profissão de professora ou mesmo pelo simples prazer em escrever. No entanto, ao me deparar com a escrita acadêmica no mestra-

do profissional em Educação, vi que esse universo é bem mais exigente, tendo em vista o rigor epistemológico e a ética envolvidos. Contudo, como diz o professor Jackson Ronie Sá da Silva em seu livro *Linhas de Pensamento na Pesquisa em Educação*, "[...], todavia, mais prioritária ainda é a decisão de começar: escreva e reescreva, leia e releia, e ao final sinta o prazer de, como qualquer artista, sentir-se encantado com o resultado do seu labor" (Sá-Silva, 2022, p. 27).

Concluo meu pensamento ressaltando que estou em processo de construção enquanto pesquisadora, dando os primeiros passos nesse campo tão vasto e enriquecedor. E que a cada leitura e releitura realizada vejo como um novo aprendizado, novos recomeços, pois penso que fazem parte do itinerário de todo pesquisador os encontros e os desencontros na feitura de seu objeto de pesquisa, assim como também estão previstos os erros, as dúvidas e também os acertos.

Referência

SÁ-SILVA, Jackson Ronie (org.). **Linhas de pensamento nas pesquisas em Educação**. Curitiba: CRV, 2022.

Minha formação acadêmica e as nuances da pesquisa qualitativa

Eliane Ribeiro Pinto Silva

Assim como muitos outros entusiastas do saber, minha infância não foi fácil. No entanto, enxerguei na jornada educacional uma chance de transcender os limites de minha própria realidade e cultivar habilidades que pudessem ampliar a perspectiva de mundo. Eu sou Eliane Ribeiro e tenho mais de 25 anos como educadora. Minha formação abrange uma licenciatura em História, e no momento meu comprometimento envolve não somente o ensino, mas também a função de supervisão pedagógica. A partir do ano de 2023, iniciei meu retorno ao âmbito acadêmico através do Mestrado em Educação, visando aprofundar os conhecimentos nessa área.

Como professora de História, sou constantemente exposta a uma variedade de abordagens e questionamentos empolgantes. Essa dinâmica não apenas enriquece meu entendimento, mas também me capacita para analisar o mundo que me cerca de maneira profunda e crítica. Para enfrentar com sucesso esse desafio, é imperativo que eu adquira um repertório amplo e complexo de estudo e pesquisa. Essas habilidades não apenas enriquecem minha própria compreensão, mas também me facultam a capacidade de mediar esse

aprendizado com os alunos. Acredito profundamente que, ao fomentar essa troca de conhecimento, estou contribuindo para um bem coletivo que emerge dessas investigações e reflexões. Essa jornada intelectual é uma fonte constante de motivação na medida em que nutro paixão pelo saber e pelo impacto que ele pode gerar.

Irei compartilhar as experiências que adquiri ao longo da jornada de formação docente contínua, juntamente com as reflexões que surgiram através da pesquisa qualitativa na busca pela compreensão aprofundada do tema epistêmico "Estágio Curricular Supervisionado em História". Convido você a se juntar a mim enquanto percorremos o caminho das minhas vivências, explorando essas questões fundamentais no âmbito da Educação e do crescimento profissional.

A complexidade da vida muitas vezes nos direciona por caminhos distantes da esfera acadêmica. Mas, após longos anos dedicados a distintos interesses e obrigações, surge uma vontade de retomar os estudos. Um sentimento inquietante começou a emergir, levando-me a empreender um processo de retorno ao ambiente acadêmico, onde a pesquisa qualitativa despertou minha paixão.

Minha entrada no mundo acadêmico começou na graduação em uma época em que a iniciação científica era algo distante. Continuando na docência como profissão, fui envolvida na complexidade do ato de ensinar. Com anos de experiência, encontro-me agora em uma nova etapa como aprendiz, pesquisadora e educadora.

A reinserção nos estudos desencadeou uma gama de emoções: ansiedade, apreensão e entusiasmo, que se entrelaçaram ao enfrentar os desafios desta nova fase. Nos primeiros dias de aula, em um ambiente novo com um grupo diversificado, a certeza de estar no

lugar adequado consolidou-se. Cada palavra, aula, debate e posicionamento docente ecoaram em minha mente harmonicamente, ressoando significativamente. As possibilidades oferecidas pela pesquisa qualitativa pareceram ilimitadas, revigorando-me com um renascimento intelectual.

As aulas e leituras, embora desafiadoras, incessantemente impulsionavam-me para novas descobertas. Essa sensação, por mais inquietante que fosse, revelou-se altamente libertadora, demonstrando o poder do conhecimento. Entre muitas descobertas, compreender o significado da empatia como base da pesquisa qualitativa se destacou. Isso envolveu o respeito pela subjetividade dos participantes e a capacidade de ouvir suas narrativas atentamente. Cada lição transformou-se em um farol orientador, guiando-me em direção a uma nova paixão e a um propósito renovado de ser uma pesquisadora.

Ao longo da história, a ciência tem se fundamentado na razão, privilegiando a pesquisa quantitativa, cujos resultados se baseiam em números, tabelas e gráficos, muitas vezes distantes e confinados a uma única perspectiva. A pesquisa quantitativa foi frequentemente considerada a única e legítima, contudo, o uso da pesquisa qualitativa desencadeou uma revolução no mundo acadêmico, introduzindo um olhar mais profundo e compreensivo sobre a complexidade humana.

Ao contrário do desígnio rígido da pesquisa quantitativa, a pesquisa qualitativa é mais flexível e muitas vezes emergente. Isso significa que o objetivo do estudo pode evoluir à medida que os dados são coletados e analisados. Nesse contexto, a metodologia qualitativa desempenha um papel essencial na compreensão e exploração de fenômenos complexos nas ciências sociais e humanas por meio

de métodos como entrevistas, observação participante e análise de conteúdo, por exemplo.

Diante disso esforço-me para adotar uma perspectiva renovada sobre o mundo, e essa busca incessante pela compreensão traz alegria, mas também suscita preocupações sobre a formação docente no Brasil. Essa inquietude é devido à estagnação perceptível na evolução acadêmica desses profissionais, citada estatisticamente em um estudo feito pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OECD) em 2022, que apontou que, em relação aos países inclusos na organização, o Brasil tem apenas 0,8% dos profissionais graduados presentes no Mestrado. Então é necessário questionar: como transformar a Educação no país quando os agentes do processo carecem de acesso à formação de qualidade?

Essa problemática exige uma abordagem multidimensional que abarque a formulação de políticas educacionais e incentive o desenvolvimento profissional contínuo dos educadores. Investir em programas de capacitação, promover bolsas de estudo para a pós-graduação e criar incentivos para a pesquisa e o aprimoramento pedagógico são estratégias essenciais para reverter essa tendência.

Além disso, é crucial fomentar uma cultura de valorização do professor como agente fundamental na construção do conhecimento e no progresso da sociedade como um todo. Uma transformação significativa na Educação requer uma ação concentrada que permeie todos os níveis do sistema educacional, capacitando os educadores e, por consequência, impactando positivamente as gerações futuras.

Nesse contexto, desafiador para os docentes das Ciências Humanas, a pesquisa qualitativa emerge como abordagem metodoló-

gica crucial no campo educacional, permitindo uma compreensão profunda de fenômenos sociais e educacionais por meio da análise de narrativas, experiências e significados atribuídos pelos sujeitos envolvidos. Ela revela-se como um guia que conduz por territórios não explorados, transcendendo a exploração individual para compreender a contextualização.

Ao reconhecer que as experiências humanas estão entrelaçadas ao ambiente, relações e cultura, a pesquisa qualitativa transforma-se em um guia que nos direciona nas interseções desses elementos. Cada narrativa desenrola-se em um cenário específico, assemelhando-se a atores em um palco complexo.

Dentro do estudo qualitativo, o pesquisador não é apenas um observador, mas um intérprete ativo das histórias compartilhadas pelos participantes. Cada narrativa carrega consigo subjetividades que enriquecem o processo. Essas subjetividades não são obstáculos, mas janelas que fornecem perspectivas singulares sobre a realidade. Portanto, busca-se desvelar complexidades ocultas e significados profundos nos fenômenos sociais com um planejamento meticuloso, guiado pela definição do objeto de pesquisa.

Dessa forma constroem-se alguns questionamentos, como: "O que está por trás desse fenômeno?" ou "Como as pessoas atribuem significado a essa experiência?". O propósito e a abordagem metodológica apropriada incluem uma variedade de enfoques, desde análises de casos até etnografias. Essas abordagens conduzem-nos ao âmago da questão, que é o ponto central de toda investigação.

Na minha jornada pessoal dentro da pesquisa qualitativa, pude compreender a importância de conduzir entrevistas de maneira substancial, já que a coleta de informações é valiosa para o aprofundamento do objeto estudado, assim como da análise rica das pers-

pectivas dos diversos contextos. Isso resulta em dados de melhor qualidade, análises mais meticulosas e tomada de decisões contextualizadas.

Enfrentando os desafios inerentes à capacitação de educadores no curso de História, identifiquei a importância de direcionar a atenção para o Estágio Supervisionado, já que considero esse período um momento de maior insegurança e incertezas no desenvolvimento inicial dos professores. Essas necessidades tornaram-se evidentes ao receber estagiários na escola pública onde trabalho, permitindo-me observar várias dificuldades manifestadas durante o período de regência. Questões como controle da sala de aula, habilidades de comunicação, abordagem didática e conhecimento prévio surgiram, revelando lacunas associadas às deficiências na formação inicial dos professores.

Essa situação surgiu durante o acompanhamento dos alunos em cenários práticos, nos quais eles se depararam pela primeira vez com o papel de agente de ensino, assumindo o lugar de docentes em formação. Esse momento apresentou-se ideal para orientá-los sobre as complexidades do cotidiano docente, conectando as bases teóricas com a experiência prática. Essa abordagem proporcionou uma sensação de confiança e integração, tornando a aprendizagem mais acessível e estimulando o interesse contínuo pelo processo de formação e pesquisa.

Após anos de vivência profissional, percebo que na formação acadêmica e na construção de conhecimento científico nenhum aspecto pode ser considerado como definitivo. Portanto, tenho confiança ao afirmar que a abrangência antropológica dos recursos qualitativos tem enriquecido significativamente minha compreensão dos fenômenos sociais no contexto educacional, já que é nas relações

interpessoais que mora a diversidade do conhecimento e da aprendizagem.

Referência

OECD. Organization for Economic Co-Operation and Development. **Resumo da Educação 2022**: OECD Indicadores. Paris: OECD Publishing, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.1787/3197152b-en. Acesso em: 16 out. 2024.

A pesquisa qualitativa e suas múltiplas nuances: um relato de experiência na disciplina *Pesquisa em Educação*

Richardson Santos Maramaldo

Antes de entrar na temática deste relato, importa destacar, de forma sucinta, minha caminhada acadêmica, pois o meu contato inicial com a pesquisa científica ocorreu através do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão foi um primeiro divisor de águas. Assim, também convém mencionar que a minha aprovação no nível superior foi consequência de minha trajetória no ensino público e que ela foi celebrada por minha família, que experimentou a felicidade de saber que, pela primeira vez, alguém de nós alcançou essa etapa educacional.

Retomando o relato, posso dizer que o mundo novo que me foi apresentado através da pesquisa científica sempre me instigou, porque desde os primeiros contatos ela me causou uma imensa satisfação. Contudo, a disciplina ofertada no curso de Pedagogia – Metodologia da Pesquisa Científica – foi desenvolvida através de

uma proposta positivista, como observado pela professora Mirian Goldenberg (2020) na obra *A arte de pesquisar*, onde se contrapõe ao entendimento de que a metodologia de pesquisa se trata apenas de um conjunto de regras de como fazer uma pesquisa, em outras palavras, que não consiste num estudo de mero procedimentos metodológicos.

Destarte, o primeiro contato com a pesquisa científica ocorreu de maneira sistemática, e as oportunidades acadêmicas seguintes foram vivenciadas através de experiências semelhantes (refiro-me à outra graduação e às pós-graduações realizadas). Assim não houve modificação na forma de visualizar a investigação científica. Nessa seara, a entrada no Mestrado em Educação foi um segundo divisor de águas, já que na minha concepção ocorreu a desconstrução da visão positivista da pesquisa científica. Isso porque o paradigma até então em vigor foi substituído pela relação intrínseca e prazerosa entre teoria e prática no desenvolvimento de cada etapa da pesquisa, sem desqualificar a discussão subjetiva e intencional do ato de pesquisa no campo da Educação. Nesse sentido, percebi que o fomento à investigação científica é um componente central do processo de ensino/aprendizagem, pois ele é decisivo para determinar a motivação dos discentes e, concomitantemente, garantir a renovação do saber e da construção de respostas para os desafios e interrogações que envolvem todo o processo qualitativo e compreensivo do ato de pesquisar.

Essa mudança de proposta científica foi evidenciada em cada encontro semanal que tivemos na disciplina *Pesquisa em Educação*, ministrada pelo professor Jackson Ronie Sá da Silva. Nesses encontros, fomos convidados a refletir de forma dialógica a (re)descoberta do conhecimento científico com uma linguagem didática e agradá-

vel a partir da obra organizada por ele denominada *Linhas de pensamento nas pesquisas em Educação* (Sá-Silva, 2022). O professor fez-nos acreditar que era possível – apesar do conjunto de concepções estruturalistas carregadas ao longo de nossas trajetórias – encontrar uma forma diferenciada de tratar a pesquisa educacional e, mais especificamente, a pesquisa qualitativa.

Confesso que, inicialmente, essa construção conjunta foi algo que me movimentou bastante, causando inúmeras sensações, sentimentos e questionamentos. Será que sou um pesquisador? Será que meus procedimentos metodológicos permitirão que alcance a pesquisa científica? Será que minha pesquisa trará contribuições a outros investigadores? Atravessado por essas dúvidas, mas com imensa vontade de aprender, reconheci na pesquisa educacional – em sua gênese repleta de intencionalidade, de múltiplas teorias e de metodologias – uma oportunidade de reflexão a partir de outro ponto de vista.

Diante dessas premissas, agora podemos continuar a conversar sobre a experiência com/sobre a pesquisa qualitativa e a sua importância para o meio científico através da disciplina citada. Na oportunidade, estudamos a teoria que acompanhava essa forma de investigação e suas relações com os fenômenos sociais em seus múltiplos ambientes de forma sistemática e teoricamente articulada. Além disso, ao me aprofundar nas investigações qualitativas, identifiquei as nuances de suas estratégias com a pesquisa quantitativa, já que elas nutrem uma relação íntima, retroalimentando-se e se complementando apesar das evidentes diferenças.

Ao avançarmos nos estudos, compreendi algumas características da pesquisa qualitativa sob o enfoque do contexto em que está inserida, em que o fenômeno ocorre e do qual é parte, tendo como

ponto central a integralidade de sua construção. Assim, o pesquisador busca apreender o fenômeno a partir da perspectiva dos envolvidos, destacando que nenhuma forma de visão pode ser descartada; todas são importantes para o pesquisador, já que há uma multiplicidade de dados que são coletados e analisados para sua melhor compreensão.

Dessa forma, cito importantes estratégias da investigação qualitativa: os estudos de caso, a investigação etnográfica, os estudos (auto)biográficos e a investigação-ação, que muito transformaram a ótica cartesiana que eu possuía acerca dos procedimentos metodológicos que eram defendidos em minhas pesquisas científicas.

Outro ponto essencial a salientar é que a pesquisa qualitativa em suas diversas variantes apresenta fundamentos, objetivos e procedimentos distintos e que, em alguns momentos, podem ser combinados. Por isso é possível a criação de formas híbridas de investigação, porém, a escolha por uma ou outra se fará em função da natureza da realidade em análise e do problema ou da questão que se pretende investigar. Destarte, a preferência por alguma metodologia não se fundamenta unicamente no caráter pragmático, mas, sim, na ponderação da natureza do objeto a ser estudado através de critérios epistemológicos e teóricos, da coleta de dados a ser realizada e dos objetivos a serem alcançados.

Dentro dessa proposta de pesquisa, o investigador inicia com a formulação do problema a estudar, ou seja, o questionamento norteador que, de certa forma, parte das noções preliminares do senso comum para, então, encontrar o pensamento científico, na intenção de obter respostas para um problema através de uma atividade de pesquisa. Além disso, busca na metodologia de pesquisa a compreensão e o auxílio necessários para o alcance da resolução do pro-

blema. Com a problematização definida, parte-se para a próxima etapa, que é a construção de um projeto de investigação que abarque várias possibilidades de seu objeto de estudo, com a escolha de diversas técnicas de coleta e de análise de dados, de procedimentos metodológicos e de referenciais teóricos que comunguem com os objetivos traçados e as análises indutivas, feitas sem o temor de uma generalização. Portanto, durante o processo de construção devem estar presentes a sistematicidade, o rigor, a pertinência e a exequibilidade, ou seja, a vigilância epistemológica da pesquisa qualitativa.

Urge ressaltar que o investigador terá de optar por uma dentre as várias linhas de pensamento para analisar o seu objeto de estudo, como, por exemplo, a pesquisa documental, a perspectiva positivista, a episteme construtivista, a teoria marxista, a teoria das representações sociais, a etnomatemática, a pós-crítica, a dos estudos culturais, entre outras. Devemos estar cientes de que, para a escolha da linha de pensamento, deve haver uma relação íntima entre o objeto de estudo, o problema formulado, os objetivos de pesquisa, o referencial teórico e os procedimentos metodológicos.

Com isso a minha escolha por uma linha de pesquisa foi o ponto mais delicado que enfrentei ao longo da disciplina *Pesquisa em Educação* e da construção do projeto de pesquisa. Essa dificuldade ocorreu porque, diante de todas essas características e da forma que foi alicerçado o meu conhecimento acerca da pesquisa científica, foi necessário um fortalecimento teórico-metodológico sobre a temática para que pudesse indicar de forma segura, mesmo que implícita, a perspectiva teórica possível para o desvelamento do objeto de estudo.

Nesse sentido, não vejo a investigação qualitativa como uma proposta engessada, mas que admite o contraditório: o pensamento

diferenciado e a criação do novo, permitindo que o pesquisador se vista da roupa metodológica que lhe couber, para que seu objeto de estudo seja repleto de contextualidades e que prevaleçam os aspectos históricos, culturais e sociais sobre o rigor científico.

No que tange à comparação entre as pesquisas quantitativa e qualitativa, apesar de diametralmente opostas, ambas possuem método, complementam-se e representam a busca pela compreensão dos fenômenos, todavia alcançam os objetos de estudo de maneiras diferenciadas. Ademais, alguns estudiosos consideram também um tipo de pesquisa híbrida, denominada pesquisa quanti-qualitativa ou quali-quantitativa, que consiste na junção das principais características de ambas.

Partindo desses pressupostos, ratifico que a pesquisa qualitativa em suas diversas nuances não é simplesmente a aplicação de uma técnica ou de um conjunto de técnicas. Ao invés disso, ela tem, em sua perspectiva epistêmica, toda uma visão do mundo, dos sujeitos humanos e da ciência; esta influencia a escolha e está presente no desenvolvimento de qualquer técnica ou procedimento. Assim, é revestida de um caráter criativo, trazendo também importantes contribuições para a pesquisa educacional.

Referências

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 2020.

SÁ-SILVA, J. R. (org.). **Linhas de pensamento nas pesquisas em Educação**. Curitiba: CRV, 2022.

A pesquisa qualitativa na formação continuada de professores: percursos metodológicos rumo à construção de saberes docentes

Marciane Martins Costa

A formação continuada de professores é fator fundamental para o desenvolvimento educacional não só no Brasil, mas em todo o mundo. No entanto, no caso brasileiro, a educação é atravessada por políticas públicas que, pela influência da ideologia neoliberal, acabam sistematizando a formação continuada docente no intuito de concretizar a política de mercado capitalista dentro das escolas. A reforma educacional ocorrida em nível mundial, com a crise do capitalismo – mas que no Brasil se deu principalmente a partir da década de 1990 – busca consolidar a hegemonia neoliberal por meio da qual a atuação do Estado fica gradativamente mais distante num contexto de gerencialismo da Educação.

Dito isso, os profissionais da Educação – em oposição a essa tendência neoliberal e com a consciência de que mediante a sua prática podem transformar essa realidade, formando cidadãos pensan-

tes, reflexivos e críticos, com uma educação humanizadora – têm em suas mãos um potente instrumento contra a hegemonia neoliberal: a própria Educação. Nesse sentido, é importante que esses professores se tornem muito mais do que professores, que extrapolem o significado de docência e assumam uma responsabilidade a mais: a de ser contrários a um tipo de Educação que privilegia o mercado e deixa de lado a condição humana.

Para tanto, o professor precisa ter acesso a formações iniciais e continuadas que o estimulem ao pensamento crítico, à pesquisa e à compreensão da realidade que o cerca. É relevante que essas habilidades sejam desenvolvidas em nossos docentes para que se alcance a tão sonhada qualidade na educação pública que o Brasil tanto almeja. Logo, a pesquisa qualitativa tem esse poder de ver a realidade multifacetada do professorado, de procurar compreender seus percalços e o contexto histórico que o permeia e assim atentar ao querer e ao não querer, porque o ato de ouvir na pesquisa qualitativa é muito importante, e ater-se aos detalhes, aos pormenores, trazendo possibilidades de respostas aos problemas enfrentados tanto por mim como por meus colegas, professores, por isso ela é reconfortante.

Ser professor é passar por todo tipo de aprendizado e descobertas, e a pesquisa faz parte desse processo. O professor pesquisador é aquela pessoa curiosa, disposta a *curiar*[1]. Curiar no sentido de esquadrinhar respostas para algo que lhe causa estranhamento, para algo que o remete à ausência de informações, para alguma coisa que o deixa inquieto, para compreender a realidade em que vive, para perquirir novos conhecimentos, novas teorias, novas práticas. Por-

[1] *Curiar*, verbo, é uma expressão popular, regional, sobretudo no Nordeste brasileiro, que significa ser curioso, além de significar também observar, espionar, brechar, olhar, procurar.

tanto, quem curia investiga a cura para tantas doenças e tantas descrenças e tantas perguntas.

O pesquisador é um/a descobridor/a, às vezes com intencionalidade e outras vezes não; às vezes descobre o que quer e o que não quer. O pesquisador é quase como um investigador, um inventor, um curiador, ele está sempre perscrutando para aprender como as coisas funcionam e para nos ensinar como as coisas funcionam. Podemos afirmar que o pesquisador é um professor, mas nem todo professor é um pesquisador, o que nos entristece. Que bom seria se todos os professores fossem curiadores!

Posso dizer que eu faço parte do time de professores curiadores, pois também estou em busca de respostas para a realidade na qual estou inserida, para as escolas onde trabalho, e tento entender e analisar a formação docente à qual estou subordinada através da minha Secretaria de Educação e a realidade acadêmica na qual me encontro como docente, discente e pesquisadora. Portanto, é sobre isso que iremos curiar um pouquinho a partir de agora.

A formação continuada de professores na Educação Básica é um preâmbulo que envolve várias questões, mas que pode assumir uma forma de transgressão dos pressupostos ideológicos, cada vez mais presentes na Educação brasileira e que estão voltados para a lógica neoliberal. Nesse sentido, romper com as ideias neoliberais através de uma prática docente bem consolidada implica, diretamente, na qualidade de ensino e aprendizagem dos alunos, quando pensamos numa educação transformadora e humanizada.

Diante disto, pensar numa pesquisa que trouxesse respostas para as realidades vivenciadas pelos docentes da rede municipal de ensino de São Luís foi um dos fatores que me levou a pesquisar sobre o seguinte objeto: a formação continuada de professores e o Pro-

grama *Educar pra Valer*. É importante trazer respostas para a maneira como se dá a formação continuada dos professores da Educação Básica na rede municipal de São Luís nos dias atuais.

É fundamental entender o que motivou a Secretaria Municipal de Educação (SEMED) de São Luís a utilizar uma formação continuada para os professores através do Programa *Educar pra Valer*[2], (EpV). Como professora e pesquisadora procuro compreender essa realidade; por isso meu objeto de estudo e a pesquisa qualitativa são importantes para esclarecer como uma formação continuada com orientações e com planejamentos prontos para serem replicados em sala de aula transforma os professores em meros reprodutores, impedindo o desenvolvimento de um senso crítico por parte do professorado por meios dessas formações. A pesquisa qualitativa vai me aproximar de meu objeto de estudo, posicionando-me dentro da realidade vivenciada pelos docentes do 5º ano que participam da formação do EpV e que, certamente, possuem percepções acerca dessa formação.

As políticas voltadas para a formação de professores devem atender as carências da escola, do professor, mas, principalmente, as

[2] O Programa *Educar pra Valer*, em parceria com a Fundação Lemann, tem como propósito prestar assessoria técnica gratuita aos municípios partícipes para apoiá-los na implementação de boas práticas de gestão. Essa parceria consiste no apoio técnico a alguns municípios brasileiros com graves problemas educacionais que queiram se comprometer com medidas de gestão educacional e pedagógica para garantir o ingresso, a permanência e a excelência de aprendizagem das crianças nas escolas públicas. O programa foi elaborado pela Associação Bem Comum (ABC) a partir da experiência de sucesso da reforma educacional ocorrida há quase 20 anos em Sobral/CE, e no Programa Alfabetização na Idade Certa, com a cooperação do governo do Estado do Ceará, e dos resultados educacionais colhidos hoje. O programa iniciou em 2018 e contou com a atuação de 5 municípios brasileiros. Em 2019, houve a expansão para mais 18 municípios, totalizando 23. Em 2021, a previsão era de seleção de mais 25 municípios (7 em janeiro e 20 em setembro), totalizando 48 municípios. (Site da Fundação Bem Comum, disponível em: https://abemcomum.org, acesso em 28 de janeiro de 2024.)

privações de uma sociedade desigual e tão cheia de contradições como a nossa. A formação continuada de professores bem planejada e implementada atenderá os anseios do alcance de uma educação de qualidade; no entanto, essa mesma formação continuada deve apresentar condições para que os professores tracem caminhos alternativos de acordo com as suas respectivas realidades.

A escola precisa desempenhar o papel de transformadora e proporcionar aos educandos experiências significativas que vão além da mera preparação para o mercado de trabalho. As secretarias de educação de estados e municípios devem atenção a seus professores, respeitando a lei do magistério, sem imposição de processos muito burocráticos, sem impedir aqueles que queiram ir além e fazer carreira no magistério com estudos mais consistentes como o *stricto sensu*.

Além disso, as formações continuadas têm que responder às reivindicações dos docentes, já que apenas eles são capazes de nos dizer quais elas são. Sabendo que a educação no país tem alguns indicadores que carecem ser alcançados, principalmente quando através desses indicadores os investimentos na Educação são repassados aos estados e municípios, então a formação continuada de qualidade, de acordo com a realidade dos professores, dos alunos e das escolas, faz-se valorosa e inexorável.

A pesquisa qualitativa conduzirá o professor pesquisador pelo caminho rumo à construção dos saberes docentes, de modo que esse indivíduo, através dos instrumentos e de um método de pesquisa, irá perceber eticamente a realidade de seu objeto de estudo. Essa relação entre a prática docente e a teoria, que conduz essa prática, ficará cada vez mais evidente na construção de novos saberes docentes.

A intenção da pesquisa qualitativa que transforma o professor curiador em professor pesquisador é trazê-lo para dentro de sua realidade, transformá-la e apresentar novas maneiras pedagógicas, novas teorias, novas reflexões. E esse processo é constante, pois o professor pesquisador não para nunca, uma vez que a educação e a escola estão sempre em transformação.

Minha experiência com a pesquisa qualitativa

Patrícia Andréa Gomes Barbosa

Tudo começou quando ao sair da minha sala de aula e perceber a escola, deparei-me com várias problemáticas que desconhecia. Antes disso, meu mundo resumia-se a fazer planejamentos, aplicá-los e acolher as crianças da Educação Infantil. Por trabalhar nessa etapa de ensino com crianças de três anos, muitas vezes era vista pelos pais e pelos professores do Ensino Fundamental como babá de crianças pequenas e com baixa qualificação. Por isso resolvi ampliar meu olhar dentro do contexto escolar, tentar auxiliar e refletir sobre diversas situações desconfortáveis existentes. Mas como poderia contribuir para mudar esse contexto?

Analisando as professoras que trabalhavam na mesma escola que eu, uma chamou bastante minha atenção: Marília Milhomem, professora do 5 º ano, formada em Letras e em Pedagogia, uma profissional competente, qualificada e mestre em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal do Maranhão. O seu olhar reflexivo sobre inúmeras situações do cotidiano escolar e as soluções que ela propunha para determinados problemas existentes no ambiente escolar e sua forma de pensar intrigaram-me, pois me dei conta de que

eu estava diante de uma professora e pesquisadora na qual eu gostaria de me transformar algum dia.

Começamos a conversar sobre vários assuntos, e ela me apresentou à pesquisa de uma maneira magnífica. A partir daí, Marília proporcionou-me olhar o mundo com um olhar científico e, consequentemente, as portas para o mundo de possibilidades na compreensão de várias questões que me inquietavam abriram-se. Apesar de naquela época eu ser inexperiente e contar com poucos conhecimentos sobre pesquisa, conversar com minha colega de trabalho tornou-se cada dia mais interessante. Então ela me incentivou a fazer a seleção do Mestrado para o qual eu queria muito passar, mas que eu achava um sonho impossível de ser realizado.

No primeiro dia de aula no Mestrado, entrei na sala e me senti maravilhada com tudo aquilo que estava vivendo. Entretanto, a minha experiência com a pesquisa qualitativa de fato só iniciou nas aulas de *Pesquisa em Educação*, ministradas pelo professor Jackson Ronie Sá-Silva. Nesses encontros, comecei a refletir sobre a relevância da pesquisa qualitativa e sobre o desejo de produzir conhecimentos úteis para a solução de problemas sociais existentes, que crescem a cada dia dentro do ambiente escolar.

Logo fui buscar conhecimentos e me debrucei sobre os livros para entender melhor como ser uma pesquisadora e, efetivamente, encontrei muitos títulos. Dentre eles destaco *Linhas de Pensamento nas Pesquisas em Educação*, organizado pelo professor Jackson Ronie Sá da Silva (2022). A leitura dessa obra me fez entender o que é ser uma pesquisadora: fazer pesquisa de forma interdisciplinar, crítica e contextualizada, não tirando em momento algum o rigor da pesquisa. Por meio de uma leitura clara, objetiva e de fácil entendimento o autor conseguiu me envolver com o conhecimento expos-

to. O encontro com esse livro me fez acreditar que eu estava no caminho certo e que havia muitas descobertas para serem feitas ainda.

O objeto de estudo acompanha-me desde a graduação: o Projeto Político Pedagógico. Esse interesse surgiu da necessidade de contribuir na organização e na participação de todos os profissionais do ambiente escolar para que o mesmo se tornasse mais democrático, sem deixar de levar em consideração os aspectos dos seres humanos, os quais estão circunscritos na cultura, na psicologia e na subjetividade. Portanto, essas esferas levaram a me aprofundar nesse caminho com a pesquisa qualitativa, pois ela guia o pesquisador para estudar questões como os sentimentos, as motivações e as atitudes individuais que são difíceis de quantificar. Minha justificativa pode ser resumida neste excerto de Paulo Freire, quando ele diz: "(...) pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade" (Freire, 1996, p. 29).

À vista disso, os pesquisadores analisam, observam, descrevem, interpretam para compreender um fenômeno social ligado a seu objeto de estudo; por isso é impossível prever todas as etapas da pesquisa, uma vez que ela é incontrolável e prevê a subjetividade dos participantes, dos pesquisadores e do contexto. Esses pesquisadores estão imersos, muitas vezes, no ambiente que estão estudando, o que pode influenciar as suas interpretações e as suas análises, pois elas podem surgir na escolha do foco da pesquisa, já que ela permite uma compreensão mais profunda e contextualizada dos fenômenos estudados.

> [...] a pesquisa qualitativa responde a questões referentes a um conjunto de fenômenos humanos entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir

> da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes (Minayo, 2009, p. 21).

A pesquisa exige vários requisitos, como, por exemplo, o rigor e a sistematização na coleta de dados e análise de dados. Ela surge de um questionamento, ou seja, de um problema, para o qual o pesquisador terá que definir objetivos a serem alcançados, os instrumentos de dados e o método específico que utilizará para analisar os dados e um arcabouço teórico para fundamentar-se. Diante disso, fui exercitar a escrita de meu projeto de pesquisa, tarefa que percebo como um desafio estimulante.

> Escrever é um ato político-pedagógico, intencional, revelador da existência e promove o exercício, sempre produtivo, da subjetividade. Escrever é misturar: gostos, sentidos, sentimentos, alegrias, tristezas, ansiedades, descobertas, etc. É se dispor a descobrir o novo e rever o antigo, mesmo que o antigo permaneça como o novo (Sá-Silva, 2022, p. 26).

A prática da escrita tem que ser estimulada, problematizada, discutida e praticada. Logo, em muitos momentos, tive ajuda de vários amigos da turma do Mestrado e de professores que leram o que eu havia escrito. As críticas impulsionaram-me a buscar leituras significativas e permitiram melhorar, estabelecer metas e definir o foco e, assim, aos poucos evoluir e me descobrir como pesquisadora.

A pesquisa qualitativa deve constituir um escopo satisfatório, exacerbar o olhar crítico sobre a documentação analisada e garantir uma avaliação lúcida sobre a credibilidade e a identidade do autor. Ela é altamente flexível e adaptável; por isso os pesquisadores, ao utilizá-la, podem ajustar as suas abordagens à medida que a pesquisa avança, explorando novos ângulos e questões conforme surgem. Isso é possível porque a pesquisa qualitativa não se detém na representação numérica, mas sim no aprofundamento da compreensão de

um grupo social ou organização. Portanto, a cada dia estou aprendendo a ser uma pesquisadora. Sei que é algo desafiador e que exige dedicação, mas fico feliz porque descobri que, por meio da pesquisa, posso ajudar a sociedade a pensar sobre problemas complexos que envolvem o âmbito da Educação. Ao pesquisar, estamos constantemente observando, intervindo e aprendendo. Esse é um ciclo contínuo de investigação e desenvolvimento pessoal. Através da pesquisa expandimos nossos conhecimentos, produzimos novas ideias e compartilhamos os achados com as pessoas.

Referências

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MINAYO, M. C. O desafio da pesquisa social. In: Minayo, M. C. (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro, RJ: Vozes, 2009.

SÁ-SILVA, J. R. (org.). **Linhas de pensamento nas pesquisas em Educação**. Curitiba: CRV, 2022.

As autoras e os autores

Adriana Loiola do Nascimento
Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Maranhão. Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí. Especialista em Psicologia da Educação. Especialista em Gestão Educacional e Escolar. Professora da Rede Municipal de Ensino de São Luís, Maranhão. Membro do Grupo de Pesquisa História, Sociedade e Educação no Brasil (HISTEDBR). Acesso ao currículo lattes: http://lattes.cnpq.br/4800362157499176.

Ana Lúcia Cunha Duarte
Professora Associada da Universidade Estadual do Maranhão. Professora e Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Maranhão e do Doutorado em Rede de Ensino do Nordeste. Doutora em Educação pela Universidade de Brasília. Mestra em Educação pela Universidade Católica de Brasília. Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Maranhão. Líder do Grupo de Estudos em Gestão e Avaliação (GESTA / UEMA / CNPq). Membro do Fórum Estadual de Educação do Maranhão. Acesso ao currículo lattes: http://lattes.cnpq.br/7783722596524788.

Andressa Jorgeana da Silva Ferreira
Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Maranhão. Professora dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental da Prefeitura Municipal de São Luís, Maranhão, e da Prefeitura Municipal de Paço do Lumiar, Maranhão. Especialista em Atendimento Educacional Especializado. Especialista em Gestão Educacional e Escolar. Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Maranhão. Acesso ao currículo lattes: http://lattes.cnpq.br/5732305545919099.

Bruna Carolina Albuquerque Silva
Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Maranhão. Professora Especialista em Educação Básica na Rede de Ensino Público do município de Paço do Lumiar, Maranhão. Integrante do GEPGEFOP-DGP/CNPq. Especialista em Gestão Educacional e Escolar e em Educação e Contemporaneidade. Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco. Acesso ao currículo lattes: http://lattes.cnpq.br/2047716179116781.

Carolina Augusta Almeida Lima
Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Maranhão. Professora da Educação Infantil. Especialista em Gestão e Orientação Educacional. Licenciada em Pedagogia. Membra do Grupo de Pesquisa SAFE – Saúde, Atividade Física e Educação (CNPq/UEMA)). Acesso ao currículo lattes: https://lattes.cnpq.br/6654542877998822.

Daiane Oliveira da Silva
Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Maranhão. Professora da Educação Básica, no Ensino Fundamental, no município de São Mateus do Maranhão. Professora da Educação Básica, no Ensino Médio, no município de Alto Alegre do Maranhão. Especialista em Métodos Estatísticos Aplicados. Licenciada em Ciências Licenciatura com Habilitação em Matemática pela Universidade Estadual do Maranhão. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Meio Ambiente, Desenvolvimento e Cultura (GEPEMADEC). Acesso ao currículo lattes: https://lattes.cnpq.br/5911659564148240.

Daniele Letícia Mendes Ferreira
Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Maranhão. Especialista em Direito Público pela Universidade Anhanguera. Graduada em Direito pela Universidade Federal do Maranhão. Licenciada em Sociologia pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci. Professora do Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão. Advogada. Acesso ao currículo lattes: http://lattes.cnpq.br/8336200789660732 .

Débora Rodrigues de Azevedo
Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Maranhão. Professora de Matemática. Especialista em Ensino da Matemática. Licenciada em Matemática pela Universidade Estadual do Maranhão. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Tecnologias, Neurociência e Afetividade (GEP-TNA). Acesso ao currículo lattes: https://lattes.cnpq.br/4165532537853575.

Dilamar Viana da Silva

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Maranhão. Professora da Educação Básica da Rede Pública Municipal de São Luís, Maranhão. Especialista em Gestão, Supervisão e Orientação Escolar. Especialista em Metodologia do Ensino Básico e Superior. Integrante do Grupo de Estudo Formação de Professores e Políticas Educacionais (GEFOPPE). Licenciada em Letras/Espanhol. Licenciada em Pedagogia. Acesso ao currículo lattes: https://lattes.cnpq.br/3588127960870291.

Eliane Ribeiro Pinto Silva

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Maranhão. Professora da Rede Estadual de Ensino do Estado do Maranhão. Especialista em Supervisão Escolar. Licenciada em História pela Universidade Estadual do Maranhão. Acesso ao currículo lattes: https://lattes.cnpq.br/4455155533288709.

Evyla da Silva Costa

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Maranhão. Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Maranhão. Especialista em Coordenação Pedagógica e Neuropsicopedagogia Clínica e Institucional. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Planejamento e Qualidade da Educação básica (GPQE). Professora da Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Coordenadora Pedagógica. Acesso ao currículo lattes: http://lattes.cnpq.br/1593294943015920.

Jackson Ronie Sá-Silva (Organizador)
Professor Associado no Departamento de Biologia da Universidade Estadual do Maranhão. Professor no Doutorado em Ensino na Rede Nordeste de Ensino. Professor no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Maranhão. Professor no Programa de Pós-Graduação em Educação Inclusiva. Doutor em Educação. Pós-Doutor em Educação. Mestre em Saúde e Ambiente. Licenciado em Pedagogia. Licenciado em Biologia e Química. Bacharel em Farmácia e Bioquímica. Líder do Grupo de Pesquisa Ensino de Ciências, Saúde e Sexualidade (GP-ENCEX/UEMA/CNPq). Acesso ao currículo lattes: https://lattes.cnpq.br/1439787124956370.

Joseane Cristina dos Santos Sousa
Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Maranhão. Especialista em Atendimento Educacional Especializado com ênfase em Libras e em Currículo e Avaliação da Educação Básica. Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Maranhão. Acesso ao currículo lattes: http://lattes.cnpq.br/3796466364872560.

Kamilla Magalhães Canuto
Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Maranhão. Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Maranhão. Especialista em Docência do Ensino Superior. Especialista em Neuropsicopedagogia. Especialista em Psicomotricidade. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Tecnologias, Neurociência e Afetividade (GEP-TNA). Acesso ao currículo lattes: https://lattes.cnpq.br/6523891556657712.

Leidyane Balieiro Guimarães Cunha
Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Maranhão. Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Maranhão. Professora da Secretaria de Educação do Estado do Maranhão. Acesso ao currículo lattes: http://lattes.cnpq.br/6144435315717865.

Luciana Mesquita Nunes Santos Nascimento
Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Maranhão. Professora na Rede Municipal de Ensino dos municípios de São Luís e Paço do Lumiar. Advogada. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Políticas e Gestão da Educação, Formação de Professores, Profissionalização e Trabalho Docente (GEPGEFOP). Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional. Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Maranhão. Acesso ao currículo lattes: https://lattes.cnpq.br/8361426290836350.

Mailson Ferreira Rodrigues
Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Maranhão. Professor do Ensino Fundamental da Rede Pública do município de Rosário, Maranhão. Professor do Ensino Fundamental da Rede Pública do município de Paço do Lumiar, Maranhão. Especialista em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa, Língua Espanhola e Literatura. Licenciado em Letras, Língua Portuguesa, Língua Espanhola e Respectivas Literaturas pela Universidade Estadual do Maranhão. Licenciado em Pedagogia pela Faculdade Venda Nova do Imigrante. Acesso ao currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/1420125334534872.

Marciane Martins Costa
Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Maranhão. Professora da Secretaria Municipal de Educação de São Luís, Maranhão. Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Maranhão. Especialista em Gestão Educacional e Escolar. Especialista em Docência da Educação Profissional e Tecnológica pelo Instituto Federal do Espírito Santo. Acesso ao currículo lattes: http://lattes.cnpq.br/4418579932412807.

Marcioneide Gomes Costa Maciel
Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Maranhão. Graduada em História pela Universidade Estadual do Maranhão. Graduada em Administração Pública pela Universidade Estadual do Maranhão. Especialista em História da Cultura Afro-Brasileira. Gestora Pedagógica do Centro Educa Mais da Secretaria de Estado da Educação do Maranhão. Acesso ao currículo lattes: http://lattes.cnpq.br/3884216530299202.

Melissia Abreu Lima de Sousa
Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Maranhão. Professora da Educação Básica da Rede Pública de ensino de Codó, Maranhão. Especialista em Ciências Humanas e Gestão, Supervisão e Planejamento Educacional pelo Instituto Superior Franciscano. Licenciada em História pela Universidade Estadual do Maranhão. Acesso ao currículo lattes: http://lattes.cnpq.br/6240046474395868.

Patrícia Andréa Gomes Barbosa

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Maranhão. Professora da Educação Básica no município de São Luís, Maranhão. Professora da Educação Básica do município de Paço do Lumiar, Maranhão. Especialista em Gestão Educacional. Licenciada em Pedagogia. Graduada em Gestão de Pequenas e Médias Empresas. Acesso ao currículo lattes: http://lattes.cnpq.br/8843677244069211.

Richardson Santos Maramaldo

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Maranhão. Professor dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental no município de São Luís, Maranhão. Especialista em Gestão Educacional e Escolar. Licenciado em Pedagogia pela Universidade Federal do Maranhão. Bacharel em Direito pela Universidade Federal do Maranhão. Acesso ao currículo lattes: https://lattes.cnpq.br/1609705729398743.

A narrativa da pesquisa qualitativa ganhou espaço e tem se ampliado a cada dia na graduação e na pós-graduação. No entanto, continua sendo questionada, colocada em suspensão e desvalorizada em determinados espaços acadêmicos, principalmente os de lógica quantitativa radical. De quando em vez nos surpreendemos com discursos que tentam desacreditá-la, desprestigiá-la, descredibilizá-la e desautorizá-la. O embate tem como discurso a narrativa totalizante da lógica quantitativa hipotético-dedutiva. A maioria dos estudantes da pós-graduação em Ciências Humanas, tanto *lato* quanto *stricto sensu*, ao iniciarem suas pesquisas ainda expressa a desconfiança cartesiana sobre os métodos de análises qualitativos. Inicialmente não conseguem se desconectar dos conceitos universais da lógica quantitativa de investigar o mundo. Mas, no decorrer da formação, seja em nível de mestrado ou de doutorado, vão desconstruindo o monumento quantitativo de pensar os objetos e construindo discursos engajados com a lógica qualitativa de apreensão dos problemas de pesquisa socioculturais. É nesse contexto que surge o livro ***Narrativas sobre pesquisa qualitativa no campo da Educação***, apresentando as vivências, os olhares e as percepções de mestrandas e mestrandos do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Maranhão sobre a pesquisa qualitativa. Ao cursarem o componente curricular *Pesquisa em Educação*, elas e eles foram instigados a narrar suas compreensões acerca do fazer pesquisa qualitativa no campo da Educação, corporificando a materialidade do livro ***Narrativas sobre pesquisa qualitativa no campo da Educação***, demonstrando que a perspectiva qualitativa transcende áreas, rompe barreiras e se impõe com maestria teórico-metodológica.

OIKOS EDITORA

Ppg Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação

PPGE Programa de Pós-Graduação em Educação

Uema UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO

GOVERNO DO MARANHÃO TRABALHANDO PARA TODOS

ISBN 978-65-5974-284-4